



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

INTERNET, UM ESPAÇO DE ENCONTROS:

Mobilização social e mediação de conflitos em rede

JÚLIA LACERDA MANDIL

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

INTERNET, UM ESPAÇO DE ENCONTROS:

Mobilização social e mediação de conflitos em rede

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Jornalismo

JÚLIA LACERDA MANDIL

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

RIO DE JANEIRO

2013

M272

Mandil, Julia Lacerda

Internet, um espaço de encontros: mobilização social e mediação de conflitos em rede / Julia Lacerda Mandil. Rio de Janeiro, 2013. 56 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Henriques Costa.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Jornalismo, 2013.

1. Cibercultura. 2. Internet. 3. Identidade. I. Costa, Cristiane Henriques. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 303.483

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia
INTERNET, UM ESPAÇO DE ENCONTROS: mobilização social
e mediação de conflitos em rede, elaborada por Júlia Lacerda Mandil.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Ilana Strozenberg

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Fernanda Bruno

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

MANDIL, Júlia Lacerda. *Internet, um espaço de encontros: mobilização social e mediação de conflitos em rede*. Monografia (Graduação em Comunicação social, habilitação Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013.

RESUMO

Este trabalho faz uma abordagem social das interações que se dão na internet, a fim de identificar aspectos que podem fazer deste um espaço alternativo para a atuação no campo da mediação de conflitos internacionais. Parte-se de uma análise do espaço de interações na rede, a partir da apresentação de conceitos como ciberespaço e cibercultura. Uma vez apresentadas as teorias sobre as formas de ação neste espaço em rede, é feita uma análise sobre os eventos conhecidos como Primavera Árabe para entender de que forma as ações organizadas na internet e facilitadas pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação se apresentam como uma nova forma de mobilização social. Com a apresentação da análise sobre o ativismo online, é feito um enquadramento com um olhar voltado para as novas formas de discurso que emergem e interagem na rede. Visando a abordagem da resolução de conflitos, a pesquisa relaciona estes novos discursos com a crise de representatividade nas instituições e nos atores políticos, buscando compreender de que forma as interações na rede podem oferecer alternativas às novas formas de representação. Uma vez apresentadas as questões teóricas, realiza-se um estudo de caso da campanha *Israel loves Iran*, que reúne aspectos tanto da mobilização social *online* quanto da transformação do conflito. Procura-se fazer uma relação entre as teorias apresentadas nos capítulos anteriores e os exemplos do estudo em questão, identificando como as ideias apresentadas se aplicam ao exemplo. O estudo de caso serve, desta forma, para elucidar as questões levantadas e os argumentos desenvolvidos ao longo do trabalho.

Palavras-chave: Internet. Cibercultura. Representação. Ativismo. Identidade. Conflito. Diplomacia

ABSTRACT

This work makes a social approach of the interactions that can occur on the Internet, in order to identify aspects that make this an alternative space for the activities in the field of mediation and conflict transformation. It starts with an analysis of the space of interactions in the network, based on the presentation of concepts like cyber culture. Once presented the theories about the ways of acting in this space network, it makes an analysis of the events known as the Arab Spring to understand how the actions organized on the Internet and facilitated by advances in information and communication technologies present themselves as a new way of social mobilization. With the presentation of the analysis on online activism, a framework is made with a glance focused on new forms of discourse that emerge and interact in the network. Aiming to approach conflict resolution, research links these new discourses with the crisis of representation in institutions and the political actors, seeking to understand how the interactions in the network provide alternatives to new forms of representation. With the presentation of theoretical issues, there will be a case study of the campaign Israel loves Iran, that brings together aspects of both online and social mobilization of conflict transformation. Looking to make a connection between the theories presented in the previous chapters and examples of the study in question, identifying how the ideas presented apply to the example. The case study used, therefore, to elucidate the issues they intend to raise and arguments that tries to defend during the work.

Keywords: Internet. Cyber culture. Representation. Activism. Identity. Conflict. Diplomacy

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por toda a ajuda concedida ao longo da realização deste trabalho. Foram muitas as vezes em que eles deixaram o papel de “familiares” para desempenhar outras funções, como os de orientadores e revisores ortográficos. Além de todas as conversas que ajudaram a desatar nós que tantas referências, teorias e ideias tratavam em atar.

Agradeço aos meus amigos, pela paciência e pelo interesse na minha pesquisa. Não fosse pela companhia deles, pelo incentivo, pelos momentos de desabafo e descontração, todos estes meses de pesquisa seriam ainda mais cansativos. E dentre os amigos, agradeço também aos colegas da ECO, que dividiram as angústias e ansiedades deste momento de trabalho árduo e de fechamento de ciclo.

Não poderia deixar de agradecer a minha professora e orientadora Cristiane Costa, por todos os ensinamentos, que começaram muito antes da realização deste trabalho. Foi nas aulas de técnicas de reportagem e de redação que aprendi, pela primeira vez, o que é ser jornalista. E pela primeira vez também tive a oportunidade de mergulhar (ainda que um mergulho raso) nos ossos e ofícios da profissão. Como orientadora, agradeço a tranquilidade e o apoio ao me guiar por esta pesquisa, incentivando o trabalho e me dando liberdade para formulá-lo ao meu modo.

Também gostaria de agradecer aos colegas de trabalho nos estágios que fiz ao longo da faculdade. Tenho uma imensa sorte em poder ter participado de projetos tão interessantes e importantes, mas principalmente, de ter tido verdadeiros professores e amigos no ambiente de trabalho. Tanto no Centro de Informação das Nações Unidas quanto no projeto “freenet?” pude entrar em contatos com temas que me abriram horizontes e apontaram caminhos pelos quais gostaria de seguir ao longo da vida.

E por fim, agradeço a oportunidade de vivenciar o momento de manifestações populares que aconteceram em junho, no Brasil. Além de todas as implicações sociais e políticas no destino do país, estas mobilizações foram especialmente importantes para mim por proporcionar a oportunidade de ver como as teorias e reflexões – que neste trabalho se aplicam a países distantes – se aplicam na vida social. Desta forma, reforçaram o aprendizado adquirido ao longo do trabalho e geraram novas dúvidas. Em meio a este cenário de movimentos sociais é bom perceber que, a partir de um trabalho que serve para colocar fim a uma etapa, é possível encontrar justamente o caminho que se quer traçar neste novo início de vida.

*Ya nadie le dí permiso
Para matar en mi nombre,
Un hombre no es más que un hombre
Y si hay dios, así lo quiso.
El mismo suelo que piso
Seguirá, yo me habré ido;
Rumbo también del olvido
No hay doctrina que no vaya,
Y no hay pueblo que no se haya
Creído el pueblo elegido.*

Milonga del Moro Judío, Jorge Drexler

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	INTERNET E MOBILIZAÇÃO	14
2.1	Reflexões sobre um novo espaço	14
2.2	Território e informação	16
2.3	Primavera árabe	18
2.4	Poder e Potência	24
3	O PODER DO DISCURSO	26
3.1	O que sustenta um conflito?	27
3.1.1	Valor e Significado	28
3.2	Atores sociais	34
3.3	Mudanças	35
3.4	Novos discursos e representatividade	38
4	ISRAEL LOVES IRAN	42
4.1	Transformação criativa	45
4.2	“Embaixador de sí”	46
4.3	Das redes para as ruas	50
5	CONCLUSÕES	52
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Fatos na História recente jogaram luz sobre uma das características que parece ser a mais fascinante ao se estudar a internet: a possibilidade de que se organizem movimentos sociais *online*, capazes de gerar grandes e significativas mudanças nas estruturas política, cultural e ideológica dos países. Foi o caso da chamada Primavera Árabe, que derrubou regimes que estavam há anos no poder nas regiões do norte da África e Oriente Médio; do movimento dos Indignados, que durante meses esteve acampado na Espanha, reverberando o grito de todos aqueles que se sentiram atingidos pela crise mundial; e dos movimentos *Occupy*, que se apropriaram das praças - históricos espaços públicos de deliberação política - para tentar dar um novo significado a elas e demonstrar a insatisfação com um sistema que há muito parece ter perdido a capacidade de representar os cidadãos do mundo. Exemplo ainda mais recente é o caso das manifestações populares que levaram milhares de pessoas às ruas no Brasil em junho de 2013, enquanto este trabalho já se encontrava em sua fase de conclusão. Tendo como estopim o aumento no valor das passagens dos transportes públicos, os manifestantes aproveitaram o momento em que a atenção da imprensa internacional se voltava para o país em função da Copa das Confederações de futebol para mostrar que o grito de uma torcida apaixonada pelo Brasil pode ser ecoada para muito além dos estádios.

Em todos estes movimentos, a internet foi importante por ser um canal alternativo à grande imprensa, onde circulavam deliberadamente vídeos e fotos, em tempo real e de fontes diversas, que traziam informações diretamente dos locais dos acontecimentos. Outro aspecto se mostrou ainda mais intrigante: a capacidade de as pessoas transmitirem e compartilharem seus pontos de vista, suas ideias, rompendo com um silêncio. Pela primeira vez em muito tempo parece ter surgido um espaço onde todos podem disseminar seus discursos, onde todos têm voz. E é este encontro que, permite a ruptura e a reconstrução de pensamentos pré-concebidos ou mesmo do medo de pensar que, ninguém compartilha da mesma visão que fez com que, o espaço virtual se consolidasse como o lugar da reformulação destes discursos.

Seja para a mobilização social ou para a divulgação de informações, trata-se de um espaço onde se apresentam novas formas de interação e a cada nova descoberta tem-se a impressão de que há mais para explorar. O rápido acesso às notícias, o contato direto entre indivíduos (que podem estar distantes fisicamente) e a interação em tempo real são algumas das inúmeras novidades trazidas pela internet.

Diante da multiplicidade de questões que emergem destes eventos, as mudanças e reformulações nos discursos que decorrem dos encontros *online* devem ser pensadas como

processos comunicacionais, como uma abertura constante de diálogos. No despertar social promovido por estes eventos, há uma crise e um forte questionamento em relação às representações tradicionais (voltada para políticos, instituições e até para a grande imprensa) e, ao mesmo tempo, a percepção de que se pode ter na internet um espaço alternativo de representação, onde cada um pode representar a si mesmo e a sua opinião. Esta reformulação na postura, esta revisão nas próprias concepções (que podem se aprofundar até para uma reformulação da própria noção de identidade) são aspectos importantes a serem ressaltados quando se analisa, por exemplo, as relações – seja entre indivíduos ou Estados nacionais.

Entende-se que tanto conflitos quanto as tentativas de superá-los por vias diplomáticas são processos que concernem à comunicação. Na diplomacia formal, que envolve um ator para exercer um papel de mediador entre as partes, há uma tentativa de fazer com que os discursos divergentes possam entrar em acordo, que se possa entender o que está sendo dito e a partir daí buscar formas pacíficas e respeitosas para encontrar uma saída ao impasse. A construção de um diálogo intercultural também tem sido apontada como forma de solução de conflitos por instituições supranacionais como a Organização das Nações Unidas, que possui agências como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a Aliança das Civilizações (Unaoc) que trabalham neste sentido.

Uma vez que a solução para conflitos internacionais passa por um processo comunicacional, e entendendo que a construção de diálogos é uma forma de superar estes impasses, o que a pesquisa em questão busca é compreender de que forma a internet pode ser inserida neste processo, sendo ela mesma um espaço onde o contato e o diálogo estão em constante construção, e onde os próprios indivíduos podem interagir entre si, sem a necessidade da mediação de terceiros. Como a internet poderia oferecer alternativas às vias diplomáticas tradicionais?

O estudo de caso sobre a campanha *Israel loves Iran*, que surge nas redes sociais em meio aos diversos movimentos que aparecem e se organizam na rede, serve como guia para as pesquisas. Criada em princípios de 2012, a partir de uma foto publicada pelo designer israelense Ronny Edry, a campanha envolve cidadãos/internautas de países que vivem sob uma constante ameaça de guerra como é o caso de Israel e Irã. O que se pretende é criar uma ponte para que indivíduos que supostamente seriam inimigos possam entrar em contato, rompendo com o medo e os pré-conceitos em relação ao outro e, a partir deste encontro, construir uma nova narrativa, modificando a própria noção de “inimigo”. Tendo o movimento *Israel loves Iran* como estudo de caso e fio condutor da pesquisa, busca-se entender quais as particularidades da rede que permitem este encontro, e como ele pode influenciar ou não a

diplomacia formal desempenhada por representantes de governos ou de órgãos supranacionais, como a ONU.

O primeiro capítulo propõe uma análise teórica das formas de mobilização e de ativismo que surgem na rede. Neste sentido, as ideias do filósofo francês Pierre Levy servem como base para os estudos, relacionando seus argumentos com a visão de pesquisadores brasileiros Henrique Antoun e André Lemos. Após a apresentação de conceitos chave, procura-se, num segundo momento, dar um enfoque para a análise das mobilizações *online*, que podem ser as mais diversas. As revoluções iniciadas em 2011 na Primavera Árabe são analisadas como exemplo das mobilizações que se propõem estudar neste trabalho. As revoltas das populações civis, que culminaram na queda de uma série de governantes no norte africano e no Oriente Médio, chamaram atenção da mídia e da academia, para as possibilidades de mudanças políticas significativas que podem acontecer a partir de movimentos sem uma liderança específica e organizadas e divulgadas principalmente na internet.

Tendo em vista o olhar para as relações internacionais e para a mediação de conflitos, os estudos procuram analisar, no segundo capítulo, o quadro dos discursos que são emitidos neste espaço em rede. A leitura da obra *Comunicação e Poder*, do sociólogo espanhol Manuel Castells, dá o tom da pesquisa, analisando de que forma as relações de poder, envolvendo aí questões como representação e legitimidade, se dão nas sociedades que se organizam em rede. Dessa forma, o que se analisa é de que forma as relações de poder são construções, e como os meios de comunicação atuam nesta construção, na perpetuação e no rompimento das estruturas de poder. Entendendo que questões como identidade e discurso são construídas e portanto mutáveis, parte-se para uma análise de que forma a internet pode atuar na dinâmica da construção e reestruturação de discursos e da própria percepção da identidade e, desta forma, como essas modificações se refletem em contextos de conflitos.

Tendo analisado o ciberespaço e as possibilidades de atuação e propagação de discursos no mesmo, o terceiro capítulo faz um estudo de caso sobre a campanha *Israel loves Iran*. Iniciada em 2012 por um designer israelense. A campanha ganhou atenção de internautas – e, pouco depois, dos principais veículos de comunicação do mundo – porque, na contramão de uma iminente guerra entre Israel e Irã, um cidadão rompeu o silêncio e apresentou sua própria visão de que israelenses e iranianos não são inimigos. A partir de uma publicação na rede social, formou-se uma comunidade composta de pessoas dos mais diferentes países, que se uniam em torno da mensagem da paz e do respeito ao outro. Assim, questões como representação, conexão entre indivíduos, diálogo e coexistência vêm à tona. A

partir da análise das teorias apresentadas e elaboradas nos dois capítulos anteriores, parte-se então para uma análise, tentando relacionar as reflexões apresentadas às ações de mobilização desta campanha, que hoje transcende o espaço virtual.

2 INTERNET E MOBILIZAÇÃO

Conflitos não são necessariamente um problema. Pelo contrário, a diversidade de idéias, opiniões e projetos é um fator positivo para o funcionamento das sociedades, permite que pessoas expressem pontos relevantes para haver mudanças e tornam o mundo mais plural e dinâmico. Seguindo as análises do sociólogo norueguês Johan Galtung, o problema reside quando há conflitos negativos, isto é, quando há violência, que é “causada por conflitos não resolvidos e pela polarização, que levam à desumanização” (GALTUNG *apud* HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012, p.16)¹.

Questões relativas à mediação de conflitos podem ser entendidas como processos de comunicação, uma vez que a transformação do conflito passa também pela construção do diálogo. Como afirmado na tese *The power of networked communication in conflict transformation* (O poder da comunicação em rede na transformação de conflito) apresentada por três pesquisadores da Universidade de Roskilde, Dinamarca, para que o diálogo possa acontecer “é preciso que processos e espaços sejam criados, para que as pessoas possam participar das mudanças que irão moldar a própria comunidade” (HANSEN;BRAMSEN;NIELSEN, 2012 p.16)² Neste sentido, é fundamental entender como a rede modifica as formas de relação entre pessoas e instituições, rompendo uma série de elementos que geram e fomentam a violência com base em preconceitos e estereótipos, em busca de um contexto pacífico, de respeito e entendimento.

2.1 Reflexões sobre um novo espaço

Analisar a internet e as tecnologias de informação e comunicação (as chamadas TICs³) como espaço e ferramentas de mobilização requer atenção e cuidado para não se deixar levar por uma análise simplista ou até ingênua deste novo cenário. Como afirma o pesquisador da Universidade Federal da Bahia, André Lemos, “importa é evitar uma visão de futuro que seja utópica ou distópica e nos concentramos em uma fenomenologia do social, ou seja, nas diversas potencialidades e negatividades das tecnologias contemporâneas” (2003 p.2).

¹Nota explicativa: Todas as traduções que aparecem ao longo do trabalho foram realizadas pelo próprio autor. According to Johan Galtung violence is caused by unresolved conflict and polarization which leads to dehumanization.

² In order for a dialogue to happen processes and spaces must be created so that people can shape the structures that instruct their community life.

³ Information and Communication(s) Technology. Termo apresentado na página 7 do Glossário de Termos da União Internacional de Telecomunicações (UIT). ITU-*infoDev* ICT Regulation Toolkit. Disponível em <http://www.ictregulationtoolkit.org/en/Document/3353/Glossary> Acesso em 02 jul. 2013

Diversas são as avaliações que se pode fazer sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação e das relações que se estabelecem a partir delas na internet, que desponta como um novo espaço de interação e organização social. Lemos (2003) indica que foi na década de 70 que a convergência das telecomunicações com a informática fez emergir uma nova relação entre sociedade, cultura e tecnologia – a cibercultura.

As novas formas de relação estabelecidas a partir desta convergência conduziram, na visão do filósofo Pierre Levy, ao surgimento de um novo espaço, o espaço do saber. Nele as relações se dão através da troca de informações e se consolidam no aprendizado mútuo:

A novidade nesse domínio é pelo menos tripla: deve-se à velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas (as do *ciberespaço*) que podem fazer surgir, por trás do nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas. (LEVY, 2007 p. 24)

A partir desta análise, dois aspectos são destacados nesta nova relação estabelecida: a extensão de uma civilidade desterritorializada e a subjetividade. Ambos são importantes para compreender as novas possibilidades de atuação na internet. O primeiro diz respeito à conexão de indivíduos ou instituições que não estão necessariamente numa proximidade física – seria mais uma proximidade de ideias, de pensamentos e visões de mundo. Em relação à subjetividade, na medida em que o espaço permite uma troca constante de informações, a participação e o envolvimento se dão de acordo com os interesses de cada indivíduo, sem a necessidade de se criar uma identidade imutável, uma posição fixa. “O desenvolvimento do ciberespaço nos fornece a ocasião para experimentar modos de organização e de regulação coletivos exaltando a multiplicidade e a variedade.” (LEVY, 2007 p.66).

As relações que se estabelecem neste espaço formam uma comunidade que Levy denomina inteligência coletiva, formada por relações de troca em que “o outro” é uma fonte de novos conhecimentos. A inteligência coletiva “assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretção de sua memória” (2007 p. 31). O próprio termo inteligência estaria, segundo Levy, relacionado a aspectos como “trabalhar em comum acordo” ou de “entendimento com o inimigo” – a negociação em tempo real e feita pelos próprios indivíduos é a base do funcionamento da comunidade, é o que estabelece a ordem.

Esta conscientização de que há um ou mais indivíduos que compartilham das mesmas ideias e visões é importante para entender as possibilidades de mobilização no ciberespaço. É

a partir do momento em que o indivíduo percebe que não está sozinho, encontra coragem na companhia do outro para demonstrar indignação ou reivindicar determinada causa. De acordo com Lemos, “ver o outro e ser visto, trocar mensagens e entrar em fóruns de discussão é, de alguma forma, buscar o sentimento de re-ligação. A cibercultura instaura novas formas de exercício dessa religiosidade ambiente” (2003. p.6).

O encontro de indivíduos no ciberespaço não implica, no entanto, em uma uniformidade de pensamento. Um impasse que desponta diante dessa multiplicidade de vozes é “fazer com que toda essa diferença consiga se comunicar e agir em comum, mantendo as diferenças internas” (HARDT; NEGRI, 2005 p.12). Estas dificuldades de ouvir e se fazer ouvido não são problemas restritos ao ciberespaço – são problemas essencialmente de comunicação. Tão grande é a importância que Levy afirma que no ciberespaço conceitos como “comunicação” e “informação” não têm tanto sentido quanto o termo “escuta”. O emprego deste conceito seria mais adequado pois

[...] indica a atenção às solicitações e às propostas mais do que ao oferecimento de informação e à justaposição de discursos. A escuta inverte o movimento midiático. Recupera o murmúrio do coletivo, em vez de dar a palavra aos representantes (LEVY, 2007 p.70).

2.2 Território e informação

Antes de aprofundar nas mobilizações que se dão na internet é interessante observar a análise do sociólogo espanhol Manuel Castells sobre as inovações ocorridas na chamada *global networked society* (sociedade global conectada). Ao comentar as ações que se dão nesta nova sociedade, Castells apresenta uma distinção de espaços. Enquanto *space of places* se refere aos espaços físicos, de fato, o chamado *space of flows* seria um espaço de fluxos, que conecta indivíduos em locais distantes “com bases nos circuitos eletrônicos e em corredores de transporte rápido, ao mesmo tempo em que isola e domina a lógica da experiência incorporada pelo espaço de lugares” (CASTELLS *apud* HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012 p.22)⁴.

Este espaço de fluxos também é citado por Lemos, ao descrever a nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias de informação. Segundo ele “o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, criando espaços de fluxos, redes planetárias pulsando no tempo real, em caminho para a desmaterialização do espaço de

⁴ [...] links up distant locales around shared functions and meanings on the basis of electronic circuits and fast transportation corridors, while isolating and subduing the logic of experience embodied in the space of places.

lugar” (LEMOS, 2003 p.3). O espaço de atuação dos novos movimentos sociais seria então, segundo Castells, uma composição destes dois espaços:

Movimentos sociais escaparam do seu confinamento no espaço fragmentado dos lugares e buscaram o espaço de fluxos global (...) mantendo a sua experiência local os locais de base de suas lutas como um material de fundação de seu principal objetivo: a restauração do significado no novo espaço/tempo de nossa existência, feita de fluxos, espaços e sua interação. Isto está construindo redes de significado em oposição às redes de instrumentalização (CASTELLS, 2007 p.250)⁵.

Na visão do sociólogo, as ações ocorridas nos espaços “tradicionais” de território e nesta nova sociedade em rede estariam correlacionadas. Esta avaliação leva a um estudo das influências e mudanças ocasionadas mutuamente pelas ações que ocorrem no ciberespaço e fora dele.

Protestos contra estruturas de governo não são exclusividade do ativismo na rede. Manifestações ocorridas em Seattle, nos Estados Unidos, em 1999, na ocasião da reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC) foram “o primeiro protesto global” (HARDT; NEGRI, 2005, p.361) que abrangeu interesses de grupos diverso, como “ambientalistas e sindicalistas” (2005, p.364). O ineditismo nesse caso estava no alvo das demonstrações - o sistema global como um todo - e na convergência de várias queixas contra injustiças e desigualdades sociais.

Em meio à crescente insatisfação com as ordens de poder vigentes no mundo, a internet despontou como um espaço de contra-poder, afastada das estruturas hegemônicas de governo que muitas vezes contam com o apoio dos grandes veículos de comunicação. Sobre este aspecto, o pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Henrique Antoun, afirma que:

[...] desde o início a internet permitira aos movimentos e às atividades sociais uma crescente emancipação em face das instituições e das comunidades tradicionais, permitindo que a informal fluidez do movimento social ganhasse força e duração através dos processos interativos da comunicação distribuída em rede (ANTOUN, 2008 p.2)

Além da falta de confiança nas estruturas já existentes, há também uma questão que diz respeito à relação assimétrica de poder. A internet e as tecnologias de informação e

⁵ Social movements escaped their confinement in the fragmented space of places and seized the global space of flows, while not virtualizing themselves to death, keeping their local experience and the landing sites of their struggle as the material foundation of their ultimate goal: the restoration of meaning in the new space/time of our existence, made of both flows, places and their interaction. That is building networks of meaning in opposition to networks of instrumentality.

comunicação seriam ferramentas que dariam mais força para instituições e indivíduos produzirem e compartilharem informação menos hierárquica.

Para Castells o papel das TICs vai além das ferramentas – elas seriam também construções sociais. O desenvolvimento de tecnologias de comunicação seria produto de uma cultura que enfatiza a autonomia individual, e a “autoconstrução do projeto de ator social” (CASTELLS, 2007, p.249)⁶. Complementando a visão de Castells, a pesquisadora da Universidade de Oxford, Miriyam Aouragh, descreve em a internet como sendo uma ferramenta e um espaço para o ativismo, possibilitando uma organização contra-hegemônica. Para Aouragh, se a internet está associada ao que acontece fora dela, isto é, ao contexto sociopolítico da sociedade em questão, então os problemas de ordem que existem numa comunidade *offline* se refletem também na organização na rede. A desigualdade no acesso à conexão seria um exemplo de como a rede perpetuaria um modelo de exclusão (digital, social) pré-existente. Neste sentido, Aouragh afirma que:

A pré-condição para o ativismo na internet deveria ser ao menos ter o acesso à disponibilidade e ao alcance infraestrutural. Isto está longe dos mitos sem espaço e sem fronteiras e o ponto de luta entre a auto-determinação e a autonomia territorial (AOURAGH, 2012, p.528)⁷.

A partir desta análise, é interessante pensar até que ponto as manifestações na internet podem acarretar em mudanças para além da rede, desconstruindo as estruturas de poder e dando lugar a novas formas de organização. O período de revoluções conhecido como a Primavera Árabe se tornou uma fonte de indagações e reflexões neste sentido.

2.3 Primavera Árabe

Muitos são os enfoques que se pode dar ao analisar o período de protestos e revoluções no Norte da África e no Oriente Médio conhecido como Primavera Árabe. Mais diversas ainda são as perguntas suscitadas desde o início dos primeiros protestos, em 2010, seja em relação ao futuro político da região – que permanece incerto, com uma guerra civil que perdura na Síria - ou em relação ao uso de tecnologias de comunicação e das redes sociais como novas ferramentas e espaços de mobilização e protestos.

⁶ [...] the self-construction of the project of the social actor.

⁷ The precondition for internet activism should at least be affordable availability and infrastructural access and reach. This is a far cry from space-less and border-less myths and the very point of struggle over self determination and territorial autonomy.

A série de revoltas que mudou os rumos políticos de diversos países árabes teve início na Tunísia. Em 17 de dezembro de 2010 o vendedor tunisiano de 26 anos, Mohamed Bouazizi, que vinha sendo alvo de constantes assédios da polícia teve seu material de trabalho confiscado por uma policial, que teria também lhe batido. O vendedor tentou levar suas reclamações para as autoridades da capital, mas não obteve resposta. Diante da enorme pressão, Bouazizi jogou material inflamável sobre o próprio corpo, acendeu um fósforo e ateou fogo sobre si, no meio da rua. Na mesma tarde, a família se reuniu em frente ao governo para protestar. Um primo de Bouazizi gravou a manifestação em vídeo e publicou na internet. De acordo com a reportagem especial da revista americana *Time* sobre os protestos⁸, mais de um terço da população da Tunísia tem acesso à internet, e que um quarto desta fração possui conta no *Facebook*. Pela atenção que os vídeos e o caso de Bouazizi ganhou na web, fazendo com que se tornasse pauta de grandes veículos como a Al-Jazeera, que o “despertar” do povo tunisiano ganhou destaque, no próprio país e nos países vizinhos, como o Egito e a Líbia.

Interessa aqui avaliar as novidades trazidas por um movimento que se consolidou justamente por trazer à tona uma consciência de mobilização e participação na sociedade civil. O ato de um vendedor na Tunísia atear fogo em si em protesto contra o governo despertou um sentimento de revolta não só entre seus conterrâneos, mas também entre pessoas no Egito, Líbia, Argélia e em outros países da região do norte da África e do Oriente Médio. As TICs e a internet foram ferramentas fundamentais não só para informar os acontecimentos, mas principalmente para difundir os sentimentos (de raiva, de revolta) que permitiram a mobilização e fizeram com que os gritos dos manifestantes em cada praça, em cada país, pudessem ser ouvidos - e vistos - à distância.

A idéia apresentada por Castells de que as tecnologias de informação e comunicação são também construções sociais encontra respaldo nos argumentos dos pesquisadores dinamarqueses Hansen, Bramsen e Nielsen ao afirmarem que o próprio uso das TICs na Primavera Árabe deve ser compreendido “mais como uma expressão da própria mudança cultural” (2012, p.8)⁹. Uma das razões para tal afirmação é o fato de que as tecnologias seriam usadas para combater a chama de ignorância pluralística, conceito da psicologia social que se refere a uma situação em que uma maioria de pessoas concorda sobre determinado assunto, mas se recusa a compartilhar esta perspectiva por acreditarem ser uma minoria e, assim, violarem uma norma social. A ideia de que há uma maioria silenciosa esta presente nos

⁸ Reportagem “*The Protester*” de Kurt Andersen publicada em 14 dez. 2011. Disponível em http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132_2102373,00.html Acesso em 25 jun. 13

⁹ [...] but more so as an expression of cultural change in itself.

estudos de comunicação de massa. Segundo as análises do filósofo francês Jean Baudrillard, este termo se refere às massas que não se expressam, que não têm “voz” ativa em uma sociedade. É justamente por esta falta de expressão de uma maioria que inibe a ruptura do silêncio. Como afirma Baudrillard, “Esse é o sentido do seu silêncio. Mas esse silêncio é paradoxal - não é um silêncio que fala, é um silêncio que proíbe que se fale em seu nome. E, nesse sentido, longe de ser uma forma de alienação, é uma arma absoluta” (1985, p.14). Esta percepção da maioria silenciosa remete à idéia de uma espiral do silêncio, postulada pela cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neumann. Quando existe uma percepção de que há uma maioria silenciosa, expressar a opinião contrária significa correr o risco de se encontrar isolado. Questões relativas ao medo do isolamento e à ruptura deste silêncio serão trabalhadas no capítulo seguinte.

O uso das TICs também teria conseqüências diretas no contexto social, “afetando o fluxo de comunicação e o potencial de gerar uma imagem de legitimidade” (HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012, p.43)¹⁰. Na Primavera Árabe a interação entre os espaços *on* e *offline* foi crucial para criar uma união, organizar a transmissão dos esforços e consolidar a análise política do regime e a necessidade de mudança

A grande inovação trazida por essas tecnologias seria a transformação deste ciclo de silêncio em uma “espiral de ação”, fazendo com que as pessoas discutissem debatessem questões políticas *online* (HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012 p.30)¹¹ e percebessem que há outros que compartilham da mesma visão. Neste movimento de tomada de consciência, aparecem por vezes personagens que se tornam símbolo deste movimento. Foi o caso no Egito, onde houve a propagação da frase *We are all Khaled Said* (Somos todos Khaled Said), em referência ao egípcio morto por policiais em Alexandria e que se tornou um símbolo da luta contra a repressão no país. Fato semelhante ocorreu em 2009, durante a chamada Revolução Verde, suscitada pelos resultados das eleições presidenciais no Irã. Na ocasião, a morte da iraniana de 26 anos, Neda Agha-Soltan foi não apenas documentada em vídeo como também disseminada na internet¹², principalmente através das redes sociais como o *Twitter*. As imagens da morte da iraniana circularam rapidamente na rede, fazendo com que Neda se tornasse o símbolo máximo da repressão aos manifestantes durante os protestos daquele ano.

¹⁰ [...] affecting the flow of communication and the potential to generate legitimacy.

¹¹ With ICTs this spiral can be turned into a *spiral of action* because people have the possibility to discuss politics online

¹² Informação extraída da reportagem “In a Death Seen Around the World, a Symbol of Iranian Protests”: de Nazila Fathi publicada no site do jornal *New York Times* em 22 jun. 2009. Disponível em http://www.nytimes.com/2009/06/23/world/middleeast/23neda.html?ref=middleeast&_r=2& Acesso em 26 jun 2013

Importante ressaltar o anonimato na internet como um aspecto que permite desafiar este silêncio, porque elimina ou diminui as possibilidades de repreensão ou repressão e, por consequência, diminui o temor de expressar as opiniões. Como evidenciado nas manifestações no Egito, as TICs podem ser usadas como ferramentas para desafiar a ignorância ao permitir que as pessoas se comunicassem de maneira relativamente segura e mostrassem que não eram as únicas insatisfeitas com o regime, comparecendo à praça Tahrir (HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012, p.30)¹³.

Uma vez que o indivíduo encontra respaldo para suas visões na expressão dos outros, isto é, uma vez que ele não se vê mais sozinho, cria-se uma “solidariedade global” (AOURAGH 2012 p.531 tradução do autor). A possibilidade de fomentar este sentimento de solidariedade faz da internet um espaço de formação da identidade política, “onde as pessoas se encontram com outras que compartilham da mesma opinião e compartilham informações sobre os protestos, ou disseminam mensagens que alimentam ainda mais sua raiva e determinação” (Ib)¹⁴.

Neste sentido, plataformas das redes sociais se tornam esferas públicas convenientes para a deliberação política e um espaço onde as opiniões são formadas e por vezes (quando oportunidades offline são severamente comprometidas como quando há toques de recolher) as decisões são tomadas. (AOURAGH, 2012 p.531)¹⁵

Sobre este espaço denominado “esfera pública”, é interessante recorrer às análises do filósofo alemão Junger Habermas para entender este conceito. A esfera pública seria um aspecto da sociedade é formado pela reunião de indivíduos em torno de uma causa comum. Neste domínio, não seria representados interesses privados, nem os interesses dos órgãos estatais. A esfera pública poderia ser entendida como um espaço de deliberação sobre a própria sociedade, um espaço de formação da chamada opinião pública. Neste sentido, o papel dos veículos de comunicação de massa seria essencial para constituir essa noção de esfera pública, uma vez que “jornais e revistas, rádio e a televisão são a mídia da esfera pública” (HABERMAS, 1964 p.49)¹⁶.

¹³ In this way ICT can be a tool for challenging pluralistic ignorance by enabling people to communicate relatively safe and make visible that they are not the only ones unsatisfied with the regime and showing up at Tahrir Square.

¹⁴ The internet also became a parallel space for political identity formation: where people met other people who relate to their opposition and shared information about protests, or disseminate messages that further ignited their anger and determination.

¹⁵ In this sense, social media platforms become online public spheres convenient for political deliberation and a space where opinions are shaped and at times (when offline opportunities are severely compromised such as with curfews) decisions are made.

¹⁶ Today newspapers and magazines, radio and television are the media of the public sphere.

Em relação à participação política nesta nova esfera pública, Pierre Levy afirma que trata-se de uma “ágora digital”, onde a identidade política de um indivíduo não é única e imutável. A identidade política “não se marca mais pelo fato de ele pertencer a uma categoria, mas por uma distribuição singular e provisória no espaço aberto dos problemas, das posições e dos argumentos, espaço que cada um contribui para formar e reformar em tempo real” (LEVY, 2007 p. 70).

Outra vez a questão da subjetividade é colocada em foco, já que a mobilização na rede se daria através dos interesses de cada indivíduo, não com um projeto pré-definido, mas com pequenas questões que lhe pareçam comoventes ou impactantes. Também neste sentido, as discussões políticas dariam enfoque ao próprio envolvimento dos indivíduos e colocariam em pauta a questão do engajamento e da participação na sociedade.

Para analisar as ações que se dão na internet é preciso ter em mente que, por trás de todas as mobilizações, há questões importantes que dizem respeito à própria estrutura da rede. Não só houve restrição em relação ao acesso à conexão (que de fato aconteceu em alguns momentos das revoluções, no Egito, por exemplo) como também em relação à censura de informações e o acesso de dados por governos e instituições, remetendo a uma questão muito mais complexa que é a privacidade.

Uma característica importante que possibilitou a contínua divulgação dos protestos mesmo em períodos em que o governo egípcio tentava conter os fluxos de informação dentro e fora do país é o fato de que há uma comunidade global na internet que se volta para preservar a liberdade de acesso e compartilhamento de conteúdos. Os fluxos de comunicação online são difíceis de controlar porque se originam de uma vigilância da comunidade global da Internet que “inclui hackers, empresas, defensores das liberdades civis e redes de ativistas como o Anonymous” (HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN 2012, p.41)¹⁷. Em suma, uma rede de pessoas para quem a internet se tornou um direito fundamental e um estilo de vida (CASTELLS *apud* HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012. p.41)¹⁸.

O compartilhamento das informações durante o período das revoluções também foi possível devido à relação que se estabeleceu entre a internet e a grande imprensa. Um dos fatores que levou a essa interação foi a restrição imposta aos meios de comunicação pelos governos.

¹⁷ [...] which includes hackers, companies, defenders of civil liberties, Anonymous [...]

¹⁸ [...] and people from around the world for whom the Internet has become a fundamental right and a way of life [...]

Com o bloqueio à internet, a rede global que se estabelece *online* se organizou para seguir divulgando imagens e informações, ao mesmo tempo em que as grandes empresas de comunicação se estabeleciam nos locais das revoltas para enviar imagens do local. Quando os próprios veículos da grande mídia eram interceptados – como foi o caso da Al-Jazeera, que teve seu escritório atacado e jornalistas presos no Cairo – as imagens compartilhadas nas redes sociais serviam como fonte principal de informação e notícias das revoltas. Sobre esta relação, Aouragh afirma que

De acordo com o famoso blogueiro e revolucionário socialista, Hossam al- Hamalawi, a real força da internet acontece de forma mais dramática quando a grande imprensa começa a usar seus dados como fontes de informação e as vozes como relatos de testemunhas. (AOURAGH, 2012,p.532)¹⁹

Outra análise desta relação entre a grande imprensa e a comunicação na internet é feita por Castells, que afirma que na internet surgiu uma nova forma de comunicar, a chamada “auto-comunicação de massa” (2007 p.248)²⁰. Trata-se de uma comunicação em massa porque tem o potencial de alcançar um público global e é auto-gerada em relação ao conteúdo, a emissão e recepção.

Aouragh aprofunda esta questão, afirmando que a tecnologia foi essencial durante este período de mudanças justamente porque projetava as condições do cotidiano dos autores, ao invés de fazer uma análise da realidade política árabe (2012 p.529)²¹. É a subjetividade das narrativas, as experiências pessoais que tornaram a internet um espaço tão interessante. Não eram as redes tecnológicas, mas as pessoas que estavam no cerne das revoluções”.

A atuação conjunta da grande imprensa e das novas tecnologias e redes de comunicação também têm reflexos na sociedade. Enquanto as grandes empresas, como *Al Jazeera*, seriam importantes para a formação de opinião, as tecnologias de informação e a internet seriam as principais ferramentas e espaços de organização da mobilização. Ainda sob a ótica da mídia como fonte importante de informação sobre “o outro”, ela pode ser tanto “um instrumento para a violência cultural e, desta forma, para a legitimação da violência direta e estrutural, bem como uma ferramenta e espaço para desafiá-la” (BRATIC *apud* HANSEN;

¹⁹ According to well-known blogger and revolutionary socialist, Hossam al- Hamalawi, the real strength of the internet occurs most dramatically when mainstream media begin to use their data as sources of information and voices as witness accounts.

²⁰ [...] mass self-communication [...]

²¹ In the face of these important and contentious events technology was of essential importance, probably projecting the everyday conditions of the authors of these narratives, rather than thinking through the everyday Arab political realities.

BRAMSEN; NIELSEN, 2012 p.55)²². Para que a mídia possa servir como espaço que possibilita a mudança, jornalistas devem estar atentos aos discursos das pessoas envolvidas nos conflitos, sempre analisando o contexto local para entender o discurso. “Isto é importante porque a seleção sensível de eventos e argumentos tem o poder de romper hierarquias, simplesmente ao permitir que pessoas sem poder sejam ouvidas” (REICH *apud* HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN, 2012, p.56)²³.

2.4 Poder e potência

Muito se fala na capacidade das novas tecnologias em dar poder ao povo para equilibrar uma relação assimétrica entre população e governantes. No entanto, Pierre Levy apresenta uma interessante denominação para a atuação da população no ciberespaço. Segundo ele, não se trata de aumentar ou retirar o poder, mas sim de aumentar as potências de mobilização dos grupos humanos. Passaríamos, assim, de um ideal de democracia para um ideal de “demodinâmica” (LEVY, 2007 p.82).

Questão fundamental levantada nos estudos da internet e da Primavera Árabe diz respeito à subjetividade dos discursos reproduzidos na internet e como as tecnologias de informação e comunicação são usadas para dar legitimidade às vozes que antes não encontravam espaço na grande imprensa.

[...] a característica definitiva das TICs na construção da paz é que elas permitem os fluxos de comunicação que não apenas subvertem radicalmente os padrões existentes dos fluxos de conhecimento e dos centros de poder, mas ao empoderar organizações, grupo e indivíduos a produzir e compartilhar informação (...) ajudam a trazer um maior grau de coesão, transparência e responsabilidade para os processos de transformação de conflito que eram impensáveis até então. (HATTOTUWA *apud* HANSEN.; BRAMSEN; NIELSEN, 2012 p.61)²⁴

Entendidas as possibilidades de uso das TICs e da internet como ferramentas e espaço de mudança social, de legitimidade de discursos e empoderamento dos cidadãos comuns, o próximo passo é aprofundar estas possibilidades da nova rede em modificar as relações entre partes em conflito.

²² [...] media can both be seen as an instrument for cultural violence and thereby the legitimization of direct and structural violence as well as a tool and space for challenging this [...]

²³ This is significant because the power-sensitive selection of events and arguments has the force to disrupt hierarchies, solely by allowing the powerless to get their voice heard [...]

²⁴ [...] the defining characteristic of ICT in peacebuilding is that it enables information flows that not only radically subvert existing patterns of knowledge flows and power centres, but in empowering organisations, groups and individuals to produce and share information [...] helps bring a greater degree of cohesion, transparency and accountability to processes of conflict transformation that were hitherto unthinkable.

Se na Primavera Árabe a internet conectou as populações, criou uma noção de cidadania e fomentou o sentimento de raiva e mudança contra regimes, muita dessa mobilização se deu por conta do reforço da dualidade “povo x governo”, “eles x nós”.

Apesar de que categorias “nós-eles” podem mobilizar muitas pessoas elas podem provavelmente ativar mais medo e imagens inimigos que são contraproducentes na transformação de conflitos. Assim, uma ênfase deve ser dada em uma abordagem positiva não-violenta em termos de estar aberto ao diálogo e à mobilização contra estruturas ao invés de necessariamente criar uma visão abrangente. (HANSEN;BRAMSEN; NIELSEN 2012 p.52)²⁵

O próximo capítulo vai analisar a questão de como as novas tecnologias de informação e comunicação podem servir de ferramentas na internet para superar as tendências de se promover essa dualidade e transformar a reprodução da idéia de inimigo.

²⁵ Although us-them categories might mobilize a lot of people they most likely activate more fear and enemy images which are counterproductive in conflict transformation. Thus, an emphasis should be made on a positive nonviolent approach in terms of being open for dialogue and mobilizing against structures rather than necessarily creating a comprehensive vision.

3 O PODER DO DISCURSO

A partir do entendimento de que a internet é um espaço de encontro (de pessoas, ideias e visões de mundo) é possível compreender as formas de mobilização que surgem a partir dos contatos feitos no meio. Como analisado no capítulo anterior, os motivos que levam à ação são diversos, assim como são múltiplas as formas de organizar as mobilizações na rede. Diante de um quadro tão amplo de ação é preciso fechar o enquadramento para entender como estas mobilizações se formam e qual o seu impacto.

Analisar as mudanças que as mobilizações na internet causam em situações de conflitos internacionais pode ser um exemplo deste enquadramento. O estudo deste tipo de situação é especialmente interessante porque remete à questão da representação e da mediação. Se a diplomacia é a forma oficial de busca por soluções para impasses, mediante uma negociação que envolve representantes oficiais de governos, então é possível pensar como esta dinâmica diplomática acontece na web, quando questões de representação, mediação e legitimidade são fluidas.

O estudo do poder de mobilização da internet em situações de conflito entre estados nacionais é interessante também porque permite entender o cenário das relações internacionais sob a ótica da comunicação. Desta forma, os significados simbólicos dos discursos construídos e disseminados ganham força, sendo estas atividades consideradas essenciais para a estrutura da própria sociedade e das relações que se dão nela. A análise destas relações construídas com base em um processo comunicacional se dá a partir da leitura da obra *Comunicación y Poder* (Comunicação e Poder) o sociólogo Manuel Castells, um estudo que propõem analisar de que forma a comunicação participa na dinâmica das relações entre os estados nacionais. Tendo como base os conceitos apresentados por Castells, é possível compreender como este mesmo processo de busca e construção do poder mediante processos de comunicação atua em cenários de conflitos.

Para além do quadro da violência, é importante entender também de que forma os processos comunicacionais participam dos projetos de construção do diálogo e da busca pela paz. Neste sentido, o sociólogo Johan Galtung ajuda a elucidar a diferenciação entre conflito e violência. Segundo ele “violência é ferir e prejudicar, insultando as necessidades básicas do homem. Conflito é um estado de incompatibilidade de objetivos, no interior e entre pessoas, sociedade, regiões do mundo” (2005, p.4)²⁶. A violência seria causada por conflitos não

²⁶ Violence is to hurt and harm, insulting basic human needs.

resolvidos, que levariam a uma polarização das relações sociais e até mesmo a uma “desumanização” (2005, p.3).

Galtung ressalta o fato de que a violência está envolvida em um ciclo, e que este processo circular impede que a mesma tenha fim. Nos estudos de segurança, ele aponta, “a violência é vista como causada por forças do mal, como classes perigosas e raças/religiões/ideologias inferiores” (GALTUNG, 2005 p.4)²⁷ e a forma entendida para combater estas causas é “ter força o suficiente para deter ou destruir estas forças” (Ib)²⁸. Esta abordagem, no entanto, não levaria a uma resolução do impasse que gera o conflito, nem ao fim da violência, mas faz com que indivíduos ou estados mantenham suas posições imutáveis.

A crítica a esta abordagem “primitiva” (GALTUNG, 2005 p.4) da violência leva à reflexão sobre como este ciclo pode ser entendido como um problema de comunicação. A partir daí, é possível pensar em novas formas de construção de diálogo que poderiam mudar este cenário. Para analisar as possibilidades de transformação do conflito é preciso entender primeiro como este contexto se estabelece, quem são os atores envolvidos e como a comunicação entre eles se dá. A partir desta compreensão, parte-se para uma análise da maneira como as inovações trazidas pela internet podem mudar a forma com que as pessoas se comunicam e como elas podem modificar este ciclo de violência.

3.1 O que sustenta um conflito?

Em “Comunicação e Poder”, Manuel Castells apresenta o argumento de que o poder não é algo transcendente à sociedade, mas sim construído pelos atores que atuam nela. Esta compreensão “significa que o poder não é um atributo, mas uma relação” (CASTELLS, 2009, p.34)²⁹ entre os atores sociais, entendidos como indivíduos, coletivos, organizações, instituições e redes que possuem uma “capacidade relacional”. É importante observar que estas relações são assimétricas porque “sempre há um maior grau de influência de um ator sobre o outro” (Ib)³⁰. O argumento apresentado por Castells é o de que os processos de comunicação são essenciais tanto para legitimar as posições de poder quanto para contestá-las.

As análises das relações entre atores que detêm o poder e a população de uma determinada sociedade remetem à própria idéia de constituição da nação. Segundo as definições da professora catalã Montserrat Guibernau, o termo “nação” poderia ser definido

²⁷ [...]violence is seen as caused by evil forces, like dangerous classes and inferior races/religions/ideologies[...]

²⁸ [...]the remedy is to have enough strength to deter or destroy those forces.

²⁹ [...]significa que el poder no es un atributo sino una relación.

³⁰ [...]en las relaciones de poder siempre hay un mayor grado de influencia de un actor sobre el otro.

por um “grupo humano consciente de formar uma comunidade e de partilhar uma cultura comum” (1997, p.56). A nação seria assim constituída por um sentimento de ligação que passa por cinco dimensões: psicológica, cultural, territorial, política e histórica (Ib). Ainda segundo as análises de Guibernau, o estado nacional seria a expressão máxima da idéia de um governo que tenta se legitimar no respaldo que recebe da população, que está reunida em de um sentimento de pertencimento a esta comunidade. O estado nacional é, portanto,

[...] um fenômeno moderno, caracterizado pela formação de um tipo de estado que possui o monopólio do que afirma ser o uso legítimo da força dentro de um território demarcado, e que procura unir o povo submetido a seu governo por meio da homogeneização, criando uma cultura, símbolos e valores comuns, revivendo tradições e mitos de origem ou, às vezes, inventando-os (GUIBERNAU, 1997, p.56)

A distinção entre nação e estado nacional seria a naturalidade com que a comunidade de forma. Enquanto a nação é formada por um sentimento de pertencimento, o estado “procura criar uma nação e desenvolver um senso de comunidade dela proveniente” (GUIBERNAU, 1997, p.56). Segundo ela, num sistema mundial em que os estados nacionais são os atores políticos mais importantes, “é comum os indivíduos serem capazes de transcender sua natureza infinita através da identificação com as nações a que pertencem” (1997, p.55).

Se as relações entre os atores são essenciais para manter a ordem em contextos de conflitos, também a noção de transformação do conflito e construção da paz (em situações onde há violência) se daria a partir das relações. O professor John Paul Lederach afirma que “muitos dos mecanismos de habilidade que são chamados para reduzir a violência são estabelecidos nas capacidades comunicativas de trocar ideias, encontrar definições comuns a questões e busca caminhos que levem a soluções” (LEDERACH *apud* HANSEN; BRAMSEN; NIELSEN 2012 p.16)³¹. Se o poder é constituído a partir de relações, é importante identificar como estas interações se estabelecem e porque elas se dão de forma desigual entre os atores sociais.

3.1.1 Valor e Significado

É possível pensar no processo de comunicação em uma sociedade traçando um paralelo ao esquema da comunicação que envolve um emissor, que envia a um receptor uma mensagem em forma de código. No caso das estruturas sociais que se estabelecem a partir deste modelo de comunicação unilateral, o papel do emissor caberia aos atores (indivíduos ou

³¹ Many of the skill-based mechanisms that are called upon to reduce violence are rooted in the communicative abilities to exchange ideas, find common definitions to issues, and seek ways forward toward solutions”

coletivos) muitas vezes ligados aos estados, e que estão na condição de formulação de discursos. A mensagem emitida seria o discurso proferido por estes atores, carregado de significados e intenções, que serão recebidos, por sua vez, pelos demais atores que formam a sociedade, que estão sujeitos às leis e às regras determinadas. Na estrutura de comunicação que se estabelece, apenas os discursos proferidos por determinados atores têm espaço de repercussão. É a partir da aceitação destes discursos que os atores sociais conseguem legitimar sua posição elevada de poder.

Castells argumenta que a legitimação “depende em grande parte do consentimento obtido mediante a construção de significado compartilhado” (2009, p.36)³² e este significado, por sua vez, é construído “através do processo da ação comunicativa” (Ib)³³. Para exemplificar este argumento, Castells recorre às ideias de Habermas de que a crença na democracia representativa reflete esta construção de significado compartilhado, uma vez que a capacidade da sociedade civil de dar conteúdo para a ação estatal através da esfera pública

[...] é o que garante a democracia e, em última instância, cria as condições para o exercício legítimo do poder: o poder como representação dos valores e interesses dos cidadãos expressados mediante seu debate na esfera pública. Assim, portanto, a estabilidade institucional se baseia na capacidade de articular diferentes interesses e valores no processo democrático através de redes de comunicação (CASTELLS, 2009, p.36)³⁴

Esta idéia é corroborada por Guibernau quando esta afirma que “o conceito de cidadania está intimamente ligado à idéia de soberania popular” (1997, p.61). Os atores que detêm este papel de emissores dos discursos acabam detendo também a possibilidade de determinar o valor que vai reger a sociedade. Segundo a definição de Castells, “valor é o que se processa em cada rede dominante em cada momento, em cada lugar, de acordo com a hierarquia programada na rede por aqueles que atuam nela” (2009, p.56)³⁵. O valor seria então uma expressão do poder, “quem ostenta o poder (que muitas vezes não é quem governa) decide o que é valioso” (2009, p.55)³⁶. Castells explica que o poder estatal, mesmo em governos não democráticos, é muito dependente da aceitação popular, e por isso é preciso que as pessoas aceitem as regras. Por esta razão o sistema midiático e os meios de comunicação

³²[...] depende en gran medida del consentimiento obtenido mediante la construcción de significado compartido.

³³ El significado se construye en la sociedad a través del proceso de la acción comunicativa.

³⁴ [...] es lo que garantiza la democracia y, en última instancia, crea las condiciones para el ejercicio legítimo del poder: el poder como representación de los valores e intereses de los ciudadanos expresados mediante su debate en la esfera pública. Así pues, la estabilidad institucional se basa en la capacidad para articular diferentes intereses y valores en el proceso democrático mediante redes de comunicación

³⁵ Valor es lo que se procesa en cada red dominante en cada momento, en, cada lugar, de acuerdo con la jerarquía programada en la red por los que actúan en ella.

³⁶ [...]quien ostenta el poder (que a menudo no es quien gobierna) decide lo que es valioso

(incluindo a internet) desempenham um papel fundamental, porque fazem justamente esta conexão entre atores emissores e receptores e, com isso, possibilitam criar esta confiança - ou então desafiar estes atores proeminentes.

Segundo Castells, o poder se exerce “construindo significados na mente humana através de processos de comunicação que têm lugar nas redes multimídia globais-locais de comunicação de massa” (CASTELLS, 2009 p.535)³⁷. Esta idéia encontra respaldo nos argumentos de Guibernau quando ela afirma que “o desenvolvimento de uma consciência geral de que o poder político depende das possibilidades coletivas deve ser reconhecido como uma das características principais de nosso tempo” (1997 p.68)

A partir desta idéia, Castells faz uma análise ainda mais crítica da organização e dos discursos que regulam a vida social, afirmando que os discursos que definem estas relações não são expressões da sociedade, mas seriam formas cristalizadas de poder, que permitem a alguns atores “exercer poder sobre outros atores sociais para ter poder para conseguir seus objetivos” (2009, p.38)³⁸. Assim, o que achamos que é a sociedade pensando seria, na verdade, o que determinados atores sociais querem que as pessoas pensem, para que consigam ter controle sobre os demais atores. Esta idéia se aproxima da teoria apresentada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu de que a opinião pública não existe. Segundo ele, a criação de uma sensação de “sociedade” ou de “opinião pública” seria uma forma de atores do poder legitimarem sua posição. Uma ferramenta que ajudaria a criar esta idéia de opinião pública compartilhada seria a pesquisa de opinião. Para Bourdieu, este tipo de análise é fundamental para “constituir a idéia de que existe uma opinião pública unânime, portanto legitimar uma política e reforçar as relações de força que a fundamentam ou a torna possível” (1972 p.3).

A questão da legitimidade não se dá apenas dentro de um estado nacional, mas também no complexo sistema de relações entre os estados. Sobre esta dinâmica, o sociólogo Daniel Ritter apresenta a teoria da *Iron Cage of Liberalism* (Grade de Ferro do Liberalismo). Segundo Ritter, há uma relação entre governos autoritários e governos democráticos, que se estabelece na troca de negociações comerciais e acordos econômicos e no reconhecimento da legitimidade no cenário internacional. A noção do termo sugere que protestos não-violentos que acontecem dentro destes governos autoritários trazem à tona a discrepância entre as ações dos governos autoritários e os princípios que regem os estados democráticos. Em artigo

³⁷ [...]El poder se ejerce fundamentalmente construyendo significados en La mente humana mediante los procesos de comunicación que tienen lugar en las redes multimedia globales-locales de comunicación de masas [...]

³⁸ [...] permiten a unos actores ejercitar el poder *sobre* otros actores sociales a fin de tener el poder *paralograr* sus objetivos.

escrito em conjunto com o cientista político Alexander Trechser, Ritter afirma que a razão para isto seria, a de que

[...] protestos pacíficos são, em si mesmo, nada mais que a expressão de alguns dos direitos humanos e civis fundamentais – o direito à liberdade de expressão e de reunião pacífica. Qualquer governo oficialmente comprometido com valores liberais [...] encontrará grandes dificuldades na tentativa de reprimir protestos pacíficos e suas mensagens. (RITTER; TRECHSEL 2011, p.4)³⁹

Ao analisar a legitimação como sendo fundamental na constituição da idéia de estado nacional, outro aspecto é extremamente relevante para compreender a manutenção da ordem de relações entre os atores: o medo. Exemplo é a definição de Montserrat Guibernau:

O poder do estado também é fundamental para uma definição do estado moderno tanto por intermédio de suas claras fronteiras quanto por sua capacidade de mantê-las com o monopólio da violência. Este é exercido dentro das fronteiras do estado nacional, mas a violência também é um meio de defender os interesses de um estado contra os dos demais. (GUIBERNAU, 1997, p.67)

O medo e o uso da violência são formas que atores encontram para legitimar sua posição na estrutura social. Trata-se de um sentimento que inibe a ação e que é possibilitado quando há uma sensação de isolamento (CASTELLS, 2011)⁴⁰. Por este motivo, é usado como estratégia de paralisação por aqueles que detêm o controle da comunicação, seguindo um esquema unilateral. São os atores que desejam manter essa relação assimétrica da disseminação dos discursos que atuam nas mentes, fomentando o medo como forma de calar a outra parte. Isto acontece para que não haja contestação ou, ao menos, para que não se escute as vozes dissonantes. Castells argumenta que “toda a sociedade está baseada na capacidade de instigar o medo que levamos dentro e a capacidade que as pessoas têm de superar este medo” (CASTELLS, 2011)⁴¹. Seguindo este argumento, ele afirma que a capacidade de empregar com sucesso a violência ou a intimidação requer uma atuação direcionada nas mentes dos atores sociais, sejam eles indivíduos ou coletivos:

³⁹ [...] nonviolent protest is in itself little more than the expression of some of the most fundamental human and civil rights – the rights to freedom of expression and peaceful assembly. Any government officially committed to liberal values, regardless of the hypocrisy accompanying that commitment, will encounter great difficulties in its efforts to repress peaceful protesters and their messages. A cessado em 02/06/13 às 8:40

⁴⁰ Manuel Castells, *Comunicación, poder y democracia*. Transcrição realizada por Candida López Villalobos do vídeo *Manuel Castells en #acampadabcn* disponível no Youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=2nWa32CTfxs>. Acesso em 02 jun. 13

Por tanto, toda la sociedad está basada sobre la capacidad de instigar el miedo que todos llevamos dentro y la capacidad de las personas de superar ese miedo.

⁴¹ [...] toda sociedad está basada sobre la capacidad de instigar el miedo que todos llevamos dentro y la capacidad de las personas de superar ese miedo.

[...] o pensamento humano é provavelmente o elemento mais influente e de mais rápida propagação de qualquer sistema social quando conta com um sistema de comunicação interativa local-global em tempo real, que é exatamente o que acontece atualmente, pela primeira vez na História (CASTELLS, 2009 p.56)⁴²

A violência política seria, portanto, “uma forma de comunicação que atua nas mentes através de imagens da morte para causar medo e intimidar as pessoas” (CASTELLS, 2009 p.536)⁴³. Tal estratégia seria utilizada tanto por estados como por células terroristas, por exemplo. Apesar de guerras envolverem sempre aspectos econômicos ou até interesses pessoais, é o aspecto psicológico e emocional que parece estar realmente em jogo, ou melhor, que permite manter o jogo das relações. É o que afirma Castells ao argumentar que “as pessoas matam pelo que sentem: hostilidade étnica, fanatismo religioso, ódio de classes, xenofobia e raiva” (Ib)⁴⁴. Segundo Castells “os discursos disciplinares estão respaldados pelo uso potencial da violência e a violência do estado é racionalizada, internalizada e, em última instância, legitimada através dos discursos que enquadram /conformam a ação humana” (2009, p.40)⁴⁵.

Se as relações de poder são constituídas a partir de processos comunicativos, analisar o papel que os meios de comunicação têm na dinâmica social torna-se imperativo. Os grandes veículos de rádio, televisão e jornal impresso são os meios por onde os discursos são disseminados, fazendo com que a própria imprensa se torne espaço de disputa política. No entanto não são todos os discursos que têm lugar neste espaço. Apenas os atores que possuem relevância, seja pela posição política, cultural ou econômica, conseguem colocar suas mensagens circulando. Apesar da importância dos meios de comunicação, Castells afirma são por eles que a mensagem passa – mas não são neles que a mensagem é constituída. Na visão do sociólogo, as principais fontes dos discursos seriam instituições religiosas, universidades, elites intelectuais e, até certo ponto, os próprios meios de comunicação. Pelo fato de estas fontes dos discursos estariam sempre relacionadas ao estado, não haveria espaço (ao menos equivalente em força e disseminação) para discursos alternativos.

⁴² [...]el pensamiento humano es probablemente el elemento más influyente y de más rápida propagación de cualquier sistema social cuando cuenta con un sistema de comunicación interactiva local-global en tiempo real, que es exactamente lo que sucede en la actualidad, por primera vez en la historia

⁴³ Además, la violencia política es una forma de comunicación que actúa sobre las mentes a través de imágenes de la muerte con el fin de causar miedo e intimidar a la gente.

⁴⁴ [...] la gente se mata por lo que siente: hostilidad étnica, fanatismo religioso, odio de clase, xenofobia nacionalista y rabia personal.

⁴⁵ [...] los discursos disciplinares están respaldados por el uso potencial de la violencia, y la violencia del estado se racionaliza, interioriza y en última instancia se legitima mediante discursos que enmarcan/conforman la acción humana

Castells denomina política mediática a forma de fazer política nos e a partir dos meios de comunicação. Esta característica faria da imprensa o próprio lugar onde se cria o poder, “o espaço onde se decidem as relações de poder entre os atores políticos e sociais rivais” (2009, p.262)⁴⁶. A propaganda e o controle da imprensa seriam, segundo ele, as formas mais evidentes deste poder: a propaganda porque diz respeito à “invenção e difusão das mensagens que distorcem a realidade e induzem à desinformação para favorecer interesses de governos” (2009, p.349)⁴⁷ e a censura, porque pode impedir a circulação de “qualquer mensagem que possa minar estes interesses” (Ib)⁴⁸.

Se por um lado costumamos associar a censura de conteúdos na mídia às atitudes de governos autoritários, a propaganda seria uma forma de controle mais sutil, presente também nas democracias. Como aponta Castells, “ainda que nas democracias as campanhas eleitorais sejam os momentos realmente decisivos, é no processo contínuo de informação e difusão de imagens relativas à política que se forma a opinião pública” (2009, p.266)⁴⁹. E quando se trata de legitimar uma ação violenta, os meios de comunicação se tornam “veículos da cultura do medo” (CASTELLS, 2009, p.536)⁵⁰.

Conflitos recentes na História ilustram como os veículos de comunicação são apropriados por grupos para alimentar um discurso de violência, até mesmo bélico. Desde a Segunda Guerra Mundial, quando a propaganda do partido nazista teve grande importância na ascensão e no apoio de Hitler ao poder, até a Segunda Guerra do Iraque, quando a propagação do discurso de que o país árabe guardava armas químicas foi usado como motivo para invasão por parte dos EUA, a grande imprensa foi o meio usado para proferir os discursos e, ao mesmo tempo, o palco em que estes atores estatais encenavam seus papéis. E a disseminação destas mensagens que incitam o ódio não se dá apenas entre estados, mas também internamente. No início dos anos 1990, os meios de comunicação, em especial o rádio, foram utilizados para propagar rumores que fomentaram os problemas étnicos entre Hutus e Tutsis – provocando um conflito que culminou no genocídio de milhares de pessoas em Ruanda⁵¹.

⁴⁶ Los medios de comunicación constituyen el espacio en el que se deciden las relaciones de poder entre los actores políticos y sociales rivales.

⁴⁷ [...] la invención y difusión de mensajes que distorsionan la realidad e inducen la desinformación para favorecer los intereses del gobierno;

⁴⁸ [...] la censura de cualquier mensaje que pueda socavar dichos intereses [...]

⁴⁹ Aunque en democracia las campañas electorales son los momentos realmente decisivos, es el proceso continuado de información y difusión de imágenes relativas a la política lo que conforma la opinión pública [...]

⁵⁰ [...] se convierte en el vehículo de la cultura del miedo.

⁵¹ Informação extraída do da página do programa da ONU, *Preventing Genocide*. Disponível em <http://www.un.org/en/preventgenocide/rwanda/about/preventgenocide.shtml> Acesso em 26 maio 2013

Outro aspecto assinalado por Castells que faz da imprensa uma importante ferramenta de legitimação do poder é o fato de que as notícias veiculadas ajudam a construir significado através de imagens (visuais ou não). No caso das sociedades, as imagens se constroem por meio de uma “comunicação socializada”. A partir desta idéia, é possível compreender o próprio papel dos meios de comunicação na construção de identidades, de percepção de mundo, de ideologias – elementos que estão na base da idéia do nacionalismo.

3.2 – Atores sociais

Quando se analisa o emaranhado de relações que se estabelecem entre indivíduos e estados, é preciso compreender quem são os atores de uma sociedade e que papel cada um deles desempenha na estrutura social. Segundo Castells, os conflitos se estabelecem entre “atores sociais em rede que pretendem chegar a suas bases de apoio e as suas audiências através da conexão decisiva com as redes de comunicação multimídia” (2009, p.81)⁵². Neste sentido, ainda que uma sociedade em rede conte com múltiplos atores em ação, o Estado ainda desempenharia um papel central nas decisões e no processo de construção de significado que constitui o poder, por exemplo, detendo o monopólio da violência que pode ser entendida como “a capacidade de impor o poder como último recurso” (2009, p.547)⁵³.

John Paul Lederach estabeleceu um esquema piramidal no que divide os atores sociais em três níveis, agrupados pela influência que possuem em um processo diplomático. No topo da pirâmide estariam as lideranças política, militar e religiosa, representantes de bases eleitorais com grande visibilidade na imprensa e conhecimento do público. No entanto, o próprio fato de estar ligados a determinados projetos políticos e por estarem sempre diante dos holofotes acabaria limitando seu poder de decisão. A segunda parte da pirâmide seria constituída por lideranças de médio alcance, que corresponde a representantes de organizações (governamentais ou não) de diversas áreas como educação, agricultura, saúde e economia e que possuem poder de decisão, mas não possuem o mesmo destaque que os atores-chave do topo da pirâmide. Estas lideranças seriam importantes para fazer a conexão entre o primeiro e o terceiro grupo de atores, que por sua vez compreende líderes de grupos, ONGs e instituições locais, que vivem diretamente com os afetados pelos conflitos. Estas lideranças, que estão na terceira parte (correspondente à base da pirâmide) trabalham diretamente com pessoas envolvidas e atingidas pelos conflitos e, portanto, são fundamentais para representá-las e agir por elas em um processo de construção de paz.

⁵² [...]actores sociales en red que pretenden llegar a sus bases de apoyo y a sus audiências mediante la conexión decisiva con las redes de comunicación multimedia.

⁵³ [...] la capacidad de imponer el poder como último recurso.

A partir deste esquema hierárquico dos atores, Lederach identifica a necessidade de melhorar a comunicação não só verticalmente, entre os três grupos, mas também horizontalmente, envolvendo os atores de um mesmo nível. A comunicação é fundamental, portanto, para aprimorar a questão da representatividade dos indivíduos diretamente envolvidos nos conflitos nos processos de negociação e decisão (preenchendo uma lacuna vertical) quanto na conexão entre atores de um mesmo grupo (preenchendo uma lacuna horizontal), para que possam coordenar melhor as ações, se organizar e levar suas reivindicações aos níveis mais altos de decisão.

3.3 – Mudanças

Castells afirma que as fontes de poder social no mundo são “a violência e o discurso, coerção e persuasão, dominação política e enquadramento cultural” (2009, p.81)⁵⁴. O sociólogo apresenta o argumento de que a mudança nas formas de poder ao longo da História não são representadas por estas fontes, mas sim pelo terreno em que estas relações se dão, uma vez que “se construiu primordialmente em torno da articulação entre o global e o local e está organizado em redes, não em unidades individuais” (Ib)⁵⁵. Na sociedade em rede

[...] é necessário produzir uma cultura global que se some às identidades culturais específicas ao invés de substituí-las, para realizar os programas de redes que são globais em seu alcance e objetivo. Para que haja globalização, este tem que afirmar um discurso disciplinatório capaz de enquadrar as culturas específicas. (CASTELLS, 2009, p.84)⁵⁶

Esta definição da sociedade que une o local e o global remete às ideias trabalhadas no capítulo anterior de que as conexões e encontros que se dão no espaço virtual permitem que as subjetividades se mantenham, diante da reunião em torno de uma causa. As redes seriam, portanto, estruturas de comunicação estabelecidas em torno de “um conjunto de objetivos que garantem, ao mesmo tempo, a unidade de propósitos e a flexibilidade em sua execução graças a sua capacidade de se adaptar ao entorno operativo” (CASTELLS, 2009 p.46)⁵⁷.

As forças destas redes estariam na capacidade de se adaptar e “auto-reconfigurar”. Relacionando esta característica com a estrutura piramidal proposta por Lederach é possível pensar que as tecnologias de comunicação permitem que os atores sociais permaneçam em ação e interação constante, e podem alterar as relações (verticais e horizontais) que

⁵⁴ [...] violencia y discurso, coacción y persuasión, dominación política y enmarcado cultural [...]

⁵⁵ [...] se ha construido primordialmente alrededor de la articulación entre lo global y lo local y está organizado principalmente en redes, no en unidades individuales.

⁵⁶ [...] es necesario producir una cultura global que se sume a las identidades culturales específicas en lugar de sustituirlas, para llevar a cabo los programas de redes que son globales en su alcance y objetivo. Para que haya globalización, ésta tiene que afirmar un discurso disciplinario capaz de enmarcar las culturas específicas

⁵⁷ [...] un conjunto de objetivos que garantizan, al mismo tiempo, unidad de propósitos y flexibilidad en su ejecución gracias a su capacidad para adaptarse al entorno operativo.

estabelecem a estrutura do poder. A disseminação das TICs, o maior acesso à internet por parte dos atores locais dá maior poder de voz e, conseqüentemente, de atuação dos mesmos na dinâmica social. Como confirma Castells, “a capacidade das redes para introduzir novos atores e novos conteúdos no processo de organização social, com relativa independência dos centros do poder, foi sendo aprimorada ao longo do tempo com as mudanças tecnológicas” (2009, p.48)⁵⁸.

A tecnologia permite o surgimento de novos atores na rede, isto é, possibilita que eles ganhem voz, sejam ouvidos e, principalmente, percebam que não estão sozinhos. A ruptura desta sensação de isolamento, a quebra da idéia de uma maioria silenciosa é de extrema importância para a transformação dos conflitos. Um dos motivos pode ser explicado pelo argumento de Castells de que o medo, que paralisa as ações, surge quando há uma sensação de solidão, de isolamento. Segundo ele, “a única forma de superar o medo é sair da solidão” (CASTELLS, 2011)⁵⁹.

Este encontro de ideias que se dá na rede permite que atores sociais que aspiram às mudanças (estruturais, de valores) se organizem, formando um movimento social. Segundo Castells, estes movimentos se formam através da comunicação de mensagens – de raiva ou de esperança. Ao passo em que novas vozes emergem neste espaço público que se tornou a rede, propagam também novas visões, novos pensamentos e novos discursos. Esta emergência de novas vozes modifica a dinâmica da comunicação unilateral, na qual se baseiam muitos estados para se manter no poder, pois permite uma reconfiguração de pensamentos, a contestação de ideias, a desconstrução e reconstrução de imagens pré-concebidas.

Esta comunicação compartilhada ajuda a criar esta noção de identidade da própria sociedade e até da nação, sofre modificações quando estes novos discursos aparecem. É graças a esta emergência que imagens de preconceito e ódio em relação ao outro podem ser desconstruídas, superadas e até mesmo reformuladas. A construção de um diálogo entre pessoas, sociedades e culturas ganha força neste momento de resignificação dos discursos.

Para que esta dinâmica aconteça e para que estes discursos autônomos possam surgir, “os atores sociais devem reafirmar o direito à autocomunicação de massas preservando a liberdade e a justiça em questão e a gestão das infraestruturas de comunicação em rede e no

⁵⁸ La capacidad de las redes para introducir nuevos actores y nuevos contenidos en el proceso de organización social, con relativa independencia de los centros de poder, se incrementó a lo largo del tiempo con el cambio tecnológico y más concretamente con la evolución de las tecnologías de la comunicación.

⁵⁹ La única forma de superar el miedo es salir de la soledad.

funcionamento do setor multimídia” (CASTELLS, 2009, p.397)⁶⁰. Com este argumento, Castells defende que os indivíduos, empresas, organizações procurem assegurar as possibilidade de autocomunicação de massas a serviço de seus próprios interesses.

A defesa da internet como um espaço livre para esta autocomunicação passa a ser uma questão fundamental na sociedade em rede, uma vez que é este processo que constitui os elementos de um novo espaço público da era da informação. Respaldados pelo Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁶¹, que defende o direito à liberdade de expressão, movimentos sociais se mobilizam para que a internet se mantenha como um espaço aberto e livre e para que os usuários tenham seus direitos garantidos.

As modificações que geram reconfigurações do papel dos atores são fruto de uma combinação de mudanças culturais e políticas. Por mudanças culturais Castells entende se tratar de “uma mudança de valores e crenças processados na mente humana em escala suficientemente grande para afeta a sociedade como um todo” (2009, p.393)⁶². As mudanças políticas seriam a adoção e institucionalização destes novos valores culturais. Tais modificações não são automáticas, mas resultado da “vontade dos atores sociais, guiados por suas capacidades cognitivas e emocionais e suas interações – entre si e com o que os cerca” (CASTELLS, 2009 p.394)⁶³. Ao analisar as mudanças em relação à comunicação e poder Castells observa que, acima de tudo, as mudanças fundamentais se dão na mentalidade de indivíduos e coletivos. “A forma com que pensamos e sentimos determina a forma em que atuamos” (CASTELLS, 2009, p.393)⁶⁴.

Na análise de Castells, a relação intrínseca entre a comunicação e as relações entre atores indica que as mudanças sociais dependem de uma reconfiguração das redes de comunicação, que “constituem o entorno simbólico para a manipulação das imagens e o processamento da informação em nossas mentes” (2009, p.531)⁶⁵. Em meio a esta reconfiguração de valores possibilitada pelos encontros e produções de novos discursos nas

⁶⁰ [...] los actores sociales deben reafirmar el derecho a la autocomunicación de masas preservando la libertad y la justicia en el despliegue y la gestión de las infraestructuras de comunicación en red y en el funcionamiento del sector multimedia.

⁶¹ Declaração Universal dos Direitos Humanos, Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf Acesso em 02 jun. 2013

⁶² [...] un cambio de valores y de creencias procesado en la mente humana a una escala lo suficientemente grande como para afectar a la sociedad en su conjunto.

⁶³ Son el resultado de la voluntad de los actores sociales, guiados por sus capacidades cognitivas y emocionales en sus interacciones recíprocas y con el entorno.

⁶⁴ La forma en que pensamos y sentimos determina la forma en que actuamos.

⁶⁵ [...] que constituyen el entorno simbólico para la manipulación de las imágenes y el procesamiento de la información en nuestras mentes [...]

redes, as comunicações podem gerar “novas vias para a representação democrática através da política insurgente, usando o poder da informação e a comunicação que permite “criar redes de base e conectar as bases em rede” (CASTELLS 2009, p.532)⁶⁶.

Quando a comunicação deixa de ser um processo unilateral e quando este processo possibilita a emergência de novos discursos, ganham força movimentos de contestação, que confrontam as ideias veiculadas pelos atores ligados ao estado e que se baseiam nela para manter-se no poder. Este movimento leva ao que Castells chama de crise da legitimidade, que é a “incredulidade generalizada em relação ao direito dos líderes políticos de tomar decisões em nome dos cidadãos” (2005, p.379)⁶⁷. Esta descrença nos discursos dos atores que detêm o poder leva a um questionamento sobre a crise da representatividade do poder e a emergência destes novos discursos e das novas formas de representação.

3.4 – Novos discursos e representatividade

Na visão de Castells, este momento de descrença na representação acontece em momentos de crise em que há “um despertar de interesse público por quem e como poderia fazer as coisas de outra maneira” (2011)⁶⁸. Podemos pensar em representação a partir da definição do professor Stephen Coleman, que afirma que “representar é mediar entre experiência, voz e ação; mediar é representar o ausente no presente” (COLEMAN 2005,p.180)⁶⁹. A representação seria então uma atividade essencialmente comunicativa, e a representação política seria ainda mais complexa, principalmente em democracias, “onde a informação fornecida (pelo representante) deve estar de acordo com os desejos daqueles que são representados” (Ib)⁷⁰. O papel dos representados neste sentido de conectividade em relação aos representantes continua sendo o papel de “espectadores diante da tela, presos em uma relação desigual de comunicação com uma elite não-confiável” (COLEMAN 2005 p.189)⁷¹. As inovações das TICs e da internet se dariam precisamente nesta relação desigual da comunicação, criando espaço e dando força para que os

⁶⁶ [...] crear redes de base y conectar a las bases en red.

⁶⁷ [...] *la incredulidad generalizada en el derecho de los líderes políticos a tomar decisiones en nombre de los ciudadanos* [...]

⁶⁸ [...] entonces hay un despertar de interés por quién y cómo podría hacer las cosas de otra manera.

⁶⁹ To represent is to mediate between experience, voice and action; to mediate is to represent the absent in the present [...]

⁷⁰ [...] where the information provided must accord (at least to some extent) with the wishes of those who are represented.

⁷¹ Tradução do autor. The role of the represented in this conception of connectivity remains as spectators before the screen, locked into an unequal communicative relationship with an untrusted elite.

representados possam transmitir suas insatisfações e suas próprias ideias e, mais do que isso, que essas visões possam chegar aos representantes.

Neste momento de descrença nos discursos dos representantes há uma ameaça ao poder dos mesmos, abrindo uma lacuna no lugar dos discursos dominantes, e logo aparecem novos movimentos sociais que se “candidatam” para preencher este espaço. O perigo deste momento, segundo Castells, é que em uma situação em que não há representação real “podem ocorrer movimentos demagógicos, extremistas, fascistas, xenófobos” (CASTELLS, 2011)⁷² e por isso é fundamental que apareçam “outros movimentos coletivos com valores positivos (...) ocupem este lugar, para preencher este vazio entre a política e a sociedade” (Ib)⁷³.

Se a internet e as novas tecnologias de informação e comunicação permitem a emergência de novos discursos propagados por novos atores, é preciso analisar de que forma estes novos projetos conseguem se inserir na dinâmica das sociedades. Para que novos atores possam de fato ser inseridos nessa dinâmica, para que estes novos discursos sejam reconhecidos em todas as esferas, é preciso que eles seja considerados legítimos. E para que isto aconteça é preciso, como ressalta Castells, que estes discursos passem também pelas redes de comunicação “para transformar a consciência e as opiniões das pessoas, para desafiar os projetos existentes” (2009, p.85)⁷⁴. Neste sentido, o sociólogo afirma que os discursos só conseguem ter uma função impactante se atuarem no âmbito das comunicações e das redes globais que estruturam as sociedades. A grande imprensa exerceria um importante papel de legitimação destes discursos emergentes na internet, colocando luz sob eles e trazendo à tona estas novas vozes. Conforme argumenta Castells “a comunicação é essencial, porque se é a base do poder e do contra-poder, a democratização da comunicação é o princípio da democratização das instituições e da sociedade” (2011)⁷⁵. A resistência ao poder se daria, desta forma, através dos próprios mecanismos que constituem o poder, ou seja, tanto as dinâmicas de dominação como as de resistência estão “baseadas na formação da rede e na estratégia de ataque e defesas através da rede” (CASTELLS, 2009 p.81)⁷⁶.

Sobre a crise da representatividade, Coleman analisa uma série de fatores que levariam à busca por novas formas de representação. De acordo com o professor, no século XXI há uma descrença generalizada da representação paternalística, um desencantamento com a

⁷² [...]pueden ocurrir movimientos demagógicos, movimientos extremistas, fascistas, racistas, xenófobos[...]

⁷³ [...] otros movimientos colectivos con valores positivos, con valores humanos(...)con valores humanistas, ocupen el lugar, para ir llenando este vacío entre la política y la sociedad.

⁷⁴ [...]transformar la conciencia y las opiniones de la gente para desafiar a los poderes existentes.

⁷⁵ La comunicación es esencial, porque si es La base Del poder y Del contra poder, La democratización de la comunicación es el principio de la democratización de las instituciones y de la sociedad.

⁷⁶ [...]basadas en la formación de redes yen la estrategia de ataque y defensa mediante redes.

deliberação virtual e um desejo dos cidadãos de ser mais ouvido e respeitado (COLEMAN, 2005 p.195)⁷⁷. Seguindo esta idéia, Castells afirma que “quando a resistência e a recusa se tornam consideravelmente mais fortes que o cumprimento e a aceitação, as relações de poder se transformam” (2009, p.34)⁷⁸. Neste sentido, a consolidação das TICs, que permitem a comunicação de muitos-para-muitos desponta como um novo espaço para a representação.

Se Pierre Levy apontava para uma mudança da democracia para uma dinâmica do povo, Coleman e Castells chamam atenção para o surgimento de uma auto-comunicação que é possibilitada pelo avanço das TICs e pela internet. Segundo Coleman a “comunicação informal, auto-direcionada, dialógica que tende a exceder as capacidades da imprensa pré-digital” (2005, p.193)⁷⁹. Um dos benefícios desta auto-comunicação diz respeito à representação das identidades. Esta representação digital, sob o olhar de Coleman, permite abranger toda a complexidade e multiplicidade de aspectos que carrega o conceito de identidade que caracteriza a vida social (2005, p.193)⁸⁰. “Quando as pessoas se comunicam digitalmente suas identidades são mais fluidas; elas podem ter mais de um endereço, recorrer a diversas fontes de informação e pertence a uma série de redes sociais” (Ib)⁸¹.

Ainda sobre as mudanças nas formas de representação, Coleman afirma que “nem toda representação democrática precisa se dar na esfera pública formal” (2005, p.192)⁸². Neste sentido o professor afirma que há uma necessidade de espaços para a representação informal para tratar de questões de poder, mas que não tenham a ver diretamente com a governança formal, a exemplo de questões sobre etnia, cultura, moralidade e gênero.

Se a internet desponta como um espaço que permite uma representação própria pelo indivíduo, este encontra mais discursos e visões para se basear na construção da própria identidade. Com a pluralidade de vozes que ecoam no ciberespaço, é possível que as pessoas entrem em contato – pela primeira vez – com outras formas de pensar, enxergar e entender o

⁷⁷ An atmosphere of crisis surrounds virtual deliberation and indirect representation in the early 21st century. There is widespread distrust of paternalistic representation (manifested by seemingly remote politicians, parties and political institutions); public disenchantment with virtual deliberation (primarily, the political coverage provided by television and the press); and a post-deferential desire by citizens to be heard and respected more.

⁷⁸ [...] Cuando la resistencia y el rechazo se vuelven considerablemente más fuertes que el cumplimiento y la aceptación, las relaciones de poder se transforman [...]

⁷⁹ As well as protest and marginal political movements, the internet facilitates a degree of informal, self-directed, dialogical communication which has tended to fall outside the remit of the pre-digital media.

⁸⁰ [...] but this has the benefit of accommodating the complex, fluid and often multiple aspects of identity that characterize real (as opposed to institutionally represented) social life.

⁸¹ When people communicate digitally their identities are more fluid; they can have more than one address, draw upon diverse sources of information and belong to a range of social networks.

⁸² Second, not all democratic representation needs to be in the formal political sphere.

mundo. Esta pluralidade pode ter efeito direto nas próprias concepções de mundo que o indivíduo carrega – desconstruindo certos paradigmas, ou reafirmando outros. Mas é importante entender que agora, sendo donos das próprias vozes, a construção da identidade fica cada vez mais a cargo dos próprios indivíduos. É neste momento de reconstrução da identidade que pode haver a quebra de preconceitos, do medo, do isolamento e, porque não, o início de novos diálogos, de descobertas e da aproximação.

A auto-representação que acontece na internet permite que os indivíduos sejam seus próprios embaixadores, isto é, que não sejam mais sendo representados por discursos unilaterais emitidos por governos; o indivíduo não precisa ser uni, fixo, imutável. Percebe que o mundo é amplo, diverso e que há sempre quem conteste o que está sendo dito. Numa situação de conflitos, entender quem é o inimigo, o que está sendo dito “do outro lado” é fundamental. As tecnologias da informação e comunicação se tornam, neste novo espaço, as verdadeiras armas. Isto acontece porque elas podem ser usadas para inflamar discursos de ódio, violência, preconceito, mas dão força também às vozes que antes não tinham espaço na grande imprensa. Vozes que pedem paz, que pedem perdão, que se mobilizam para encontrar soluções pacíficas para os impasses.

4 ISRAEL LOVES IRAN

No dia 14 de março de 2012, o professor e designer israelense Ronny Edry, à época com 41 anos, fez o que até então parecia ser uma atividade corriqueira entre usuários da internet: publicou um *post* em seu perfil no *Facebook*. A publicação em questão era uma foto sua carregando sua filha no colo. Esta, por sua vez, segurava nas mãos uma pequena bandeira de Israel. Uma tarja colorida cobria parte da imagem com os dizeres “Iranianos, nós nunca bombardearemos seu país. Nós te Amamos”⁸³. Junto à imagem, Edry escreveu um recado direcionado ao povo iraniano, em que dizia:

Para que haja guerra entre nós, primeiramente nós temos que ter medo uns dos outros, nós temos que ter ódio. Eu não temo vocês, eu não os odeio. Eu nem mesmo os conheço. Nenhum iraniano me fez algum mal. Eu nem mesmo conheço um iraniano [...] Às vezes eu vejo aqui, na TV, um iraniano. Ele está falando sobre guerra. Tenho certeza de que ele não representa todas as pessoas do Irã. Se vocês virem alguém em sua TV falando sobre bombardear vocês[...]Tenham certeza de que ele não representa a todos nós.⁸⁴

A declaração seguia com a afirmação de que Edry não é um representante oficial do seu país, mas que com este recado estava representando as pessoas à sua volta: seus vizinhos, alunos e familiares.

O iraniano que aparece na televisão a quem Edry se referia no texto é Mahmoud Ahmadinejad, então presidente do país. Em diversas ocasiões o representante havia declarado que Israel é um país inimigo, negando o holocausto e afirmando que o estado judaico deveria ser “eliminado”⁸⁵. Por sua vez, o primeiro ministro israelense, Benjamin Netanyahu, devolveu as acusações com discursos agressivos, afirmando que se preparava para atacar o país vizinho caso este ultrapassasse os limites de enriquecimento de urânio estabelecidos pela Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), o que permitiria a fabricação de bombas nucleares.

⁸³ “Iranian, we will never bomb your country, We love you”. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3525898427555&set=a.1464416131786.65061.1274991037&type=3&theater> Acesso em 05 jun 2013

⁸⁴ To all the fathers, mothers, children, brothers and sisters. For there to be a war between us, first we must be afraid of each other, we must hate. I'm not afraid of you, I don't hate you... I don't even know you. No Iranian ever did me no harm. I never even met an Iranian...Just one in Paris in a museum. Nice dude. I see sometime here, on the TV, an Iranian. He is talking about war. I'm sure he does not represent all the people of Iran. If you see someone on your TV talking about bombing you ...be sure he does not represent all of us. [...] Disponível em <https://www.facebook.com/israellovesiran/info> Acesso em 05 jun. de 2013

⁸⁵ Extraído da matéria *Irã está sob ameaça militar sionista, diz Ahmadinejad* publicada na página do portal do Estado de São Paulo em 26 set 2012

Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional.ira-esta-sob-ameaca-militar-sionista-diz-ahmadinejad.936179.0.htm> Acesso em 16 jun 2013



Figura 1 - Pôster que deu origem à campanha. Fonte: facebook.com/israellovesiran

Em meio à troca de acusações e dos discursos inflamados que ganhavam cada vez mais espaço nos principais veículos de comunicação do mundo, Ronny Edry viu na internet um espaço para que outro discurso – o seu – fosse apresentado, ainda que só para o círculo de amigos do professor na rede social. Ao final do texto que acompanhava a publicação no *Facebook*, ele pedia para que todos aqueles que compartilhassem do mesmo sentimento ajudassem a espalhar a mensagem nas redes, para que ela chegasse aos iranianos. Em questão de horas, a reação ao *post* começou a tomar uma proporção até então inimaginável para Edry, que viu sua publicação ganhar milhares de *likes* e intermináveis mensagens de agradecimento começaram a surgir em sua caixa de entrada.

O que se seguiu a partir daí foi a multiplicação de pedidos de pessoas próximas ao designer para que tivessem suas fotos publicadas com a mesma mensagem. Desde sua mulher, a também professora de design Michal Tamir, até seus vizinhos, amigos e alunos da escola preparatória de desenho, a *Pushpin Mehina*. A enorme demanda por pôsters personalizados foi surpreendente para o casal Edry e Tamir. Surpresa maior veio, no entanto, das respostas enviadas pelos iranianos, seja por meio de mensagens privadas ou de pôsters feitos pelos próprios, reforçando o poder da imagem como uma importante ferramenta de comunicação na internet. A princípio as respostas dos iranianos eram tímidas, com fotos que não deixavam o rosto a mostra, apenas partes do corpo, ou o rosto coberto por sombras. Tal discrição pode ser

explicada pelo fato de que o medo ainda se faz presente entre internautas do Irã, um país onde a internet não é um espaço completamente independente e livre do controle e da censura do governo. Segundo relatório publicado em 2013 pela organização *OpenNet Initiative* sobre o controle da internet no Irã, desde os protestos que sucederam as eleições presidenciais em 2009 (conhecidos como Movimento Verde), o controle e vigilância da rede no país aumentou, inclusive com a criação de uma Corte Suprema sobre o Ciberespaço e a censura a alguns sites pelo regime dos aiatolás, por considerar “uma forma de proteger a cultura única e a identidade da nação e defender contra uma investida da Ocidentalização”⁸⁶. Mas isso não impediu que as mensagens chegassem provenientes do país persa ou da Europa e dos Estados Unidos, por exemplo.

Em uma semana, a primeira imagem publicada por Edry já ultrapassava sete mil *likes*⁸⁷ e o resultado levou o designer e uma pequena equipe a criarem uma página no *Facebook* chamada *Israel loves Iran*, de modo a estabelecer um canal de comunicação direto entre pessoas, que passaram a enviar mensagens, fotos e interagir em comentários. A partir da relação que se consolidava na rede, a página *Israel loves Iran* passou a se definir como “uma ponte no Oriente Médio entre as pessoas”⁸⁸. Na internet, mais precisamente em uma página no *Facebook*, milhares de indivíduos encontraram espaço para expressar seus sentimentos e opiniões em relação à guerra e em relação aos outros.

Percebendo que uma comunidade estava se formando, Rony e Michal decidiram transformar *Israel loves Iran* em um movimento, de fato, com campanhas que buscam realizar diferentes ações, para além da internet, sempre em torno do tema da paz e do respeito entre os povos do Oriente Médio. A partir deste novo conceito foi então criada a *Peace Factory* (Fábrica da Paz), uma marca que usa comunicação, imagem e propaganda para divulgar o amor e o respeito entre as pessoas – combatendo de forma criativa a idéia de que a propaganda serve apenas para disseminar o medo e os discursos de ódio. Seguindo esta idéia, a equipe da *Peace Factory* criou uma campanha para levar pôsters e cartazes do *Israel loves Iran* para outdoors e ônibus de Tel Aviv. Através de movimentos de captação de dinheiro online (o chamado *crowdfunding*, outra forma de mobilização na web) a equipe de Edry conseguiu fazer com que algumas das fotos que já circulavam na comunidade passassem a ser

⁸⁶ Internet censorship in Iran—culminating in the National Information Network—is framed as a way to protect the nation’s unique culture and identity and defend against the onslaught of Westernization.

⁸⁷ Informação disponível em <http://www.israellovesiran.com/israellovesiran/> acessado em 08 jun. 2013

⁸⁸ A bridge in the Middle East between the people. Extraído da página *Israel loves Iran* disponível em <https://www.facebook.com/israellovesiran/info> Acesso em 08 jun. 2013

veiculadas também nas linhas de ônibus da cidade israelense. A estratégia é uma forma de espalhar a mensagem ao mesmo tempo em que atrai mais pessoas para a página criada. O fato de haver campanhas como a dos outdoors e ônibus, ou de camisetas vendidas online com a marca da página mostram não só a capacidade de venda e propaganda do movimento, mas também indica que as mobilizações no ciberespaço não pretendem estar totalmente desvinculadas do espaço *offline*.

4.1 - Transformação criativa

A criatividade na maneira de tratar de um tema tenso (como a crise no Oriente Médio) é apontada pelo professor de Estudos de Paz, Johan Galtung, como um aspecto fundamental na transformação dos conflitos. Em um manual com propostas e referências abordagens de conflitos, Galtung argumenta que os conflitos possuem três eixos que poderiam ser traduzidos como vértices de uma pirâmide: ponto A (*attitude*) atitude; B (*behaviour*) comportamento; e C (*contradiction*) contradição (GALTUNG, 2000 p.13). Entendendo o conflito como uma possibilidade para que as pessoas possam seguir adiante. Galtung apresenta a proposta de transformar e transcender estes três eixos que estruturam os conflitos a partir de abordagens pacíficas. Segundo Galtung, “é a falha em transformar o conflito que leva à violência” (2000, p.15)⁸⁹. Desta forma, a atitude (A) agressiva em relação ao outro deveria ser transformada em empatia; o comportamento (B) que muitas vezes envolve a violência física deveria ser substituído por um modo de agir não-violento; e, por fim, a contradição (C) que está na própria raiz dos desentendimentos deveria ser transcendida através de formas criativas.

Associando a abordagem de Galtung ao *Israel loves Iran*, é possível afirmar que a internet e a imagem foram, respectivamente, espaços e formas de comunicação criativas para tratar de um tema que até então só era comentado nas tradicionais esferas públicas da diplomacia e dos grandes veículos da comunicação. Assim como leveza, inovação e eficácia são características importantes para o design, também se mostraram aspectos importantes para o sucesso do movimento na rede, ao abordar um tema tão sério e tenso da forma descontraída, simples e compreensível - forma esta que é, inclusive, fomentada pela internet.

Exemplo do humor e da criatividade usados por Edry e sua equipe foi a imagem publicada logo após o discurso do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro de 2012. Na ocasião, o representante oficial de Israel mostrou o diagrama de uma bomba demonstrando os limites necessários para

⁸⁹ It is the failure to transform conflicts that leads to violence.

que o Irã conseguisse desenvolver armas nucleares. Enquanto as imagens de Bibi, como o premier é conhecido, e seu diagrama inundavam as televisões e páginas dos principais jornais impressos, Edry se apressou em apresentar, na internet, seu próprio diagrama. Em uma foto que fazia alusão ao palco onde Netanyahu fez seu discurso, o designer mostrava um diagrama em forma de coração, onde as linhas traçadas demonstravam os limites de “amor” que poderiam ser alcançados por iranianos. Tal imagem ilustra o que é uma das principais características da página *Israel loves Iran*: desconstruir os discursos que levam ao ódio e à violência e, a partir daí, estabelecer novas relações diretas entre os indivíduos.



Figura 4: Diferentes visões: esquema apresentado por Netanyahu (esq.) e Edry Fonte: UNPhoto/J. Carrier e facebook.com/israellovesiran

4.2 “Embaixador de Si”

A questão da representação e da construção dos discursos, apontadas como essenciais à comunicação e ao poder em tempos de mobilização *online* também estão presentes quando analisado o movimento do *Israel loves Iran*. Ao comentar sobre o poder das redes sociais, Ronny Edry afirmou que estas permitem que os indivíduos sejam seus próprios embaixadores⁹⁰, isto é, que os discursos e as opiniões de cada um possam ser apresentadas por cada um. A constatação demonstra de que forma a questão do discurso e da representatividade se mostram importantes para a mobilização *online*, ao mesmo tempo em que remete à questão da mediação e da representação que estão presentes na diplomacia. Se no âmbito formal das representações os processos de mediação de conflito são restritos à participação de alguns atores (representantes oficiais dos países, embaixadores, políticos), na internet a representação

⁹⁰ “With the Power of social media we have become our own ambassadors”. EDRY, Ronny. Afirmção retirada de reportagem “*We are our own ambassadors*”: *Euphrates Institute Brings Together Peacemakers from Israel, Iran* em 29 mar 2013 no portal da United Religions Initiative. Disponível em http://www.uri.org/the_latest/2013/03/we_are_our_own_ambassadors_euphrates_institute_brings_together_peacemakers_from_israel_iran. Acesso em 15 jun 2013

é direta, individual e singular. Cada indivíduo é, assim, representante dos próprios interesses e da própria opinião e encontra na internet um espaço para transmitir suas visões e interagir com as demais.

Outro aspecto interessante de discussão dentro das ações conduzidas no *Israel loves Iran* é o fato de que se trata de um movimento que tem a intenção de transcender e modificar uma situação de conflito que parte de um dos lados envolvidos. As negociações formais que buscam uma saída para conflitos procuram sempre estabelecer um diálogo entre as partes na presença de um moderador, que não está diretamente implicado na situação. A partir daí busca-se uma saída comum encontrada e consentida por ambas as partes (no caso de um conflito que envolve apenas duas frentes em contradição). Uma resolução que não envolva as partes em conflito não poderá nunca resolver o problema que está na base do mal estar e da violência. No caso do movimento *Israel loves Iran*, trata-se de uma iniciativa que partiu de um israelense, isto é, de um indivíduo que está sendo representado constantemente por embaixadores e oficiais do governo de seu país, e que vê nos noticiários a permanência do impasse e a falta de mobilização por parte dos representantes. É como se a internet pudesse dar voz aos representados, os colocasse nas mesas de discussão.

Sobre as novas formas de exercer a tradicional mediação entre as relações internacionais, é interessante analisar o conceito da diplomacia pública. Enquanto a idéia de diplomacia tradicional corresponderia à tentativa de um ator internacional de administrar um ambiente a partir da relação com outro ator internacional, a diplomacia pública seria a tentativa de determinado ator internacional de controlar um ambiente externo a partir do engajamento com o público estrangeiro (CULL, 2009 p.12)⁹¹. A diplomacia pública seria uma forma de promover uma imagem positiva de um país para a população de outro, através de eventos e programas de intercâmbio acadêmico, por exemplo. No entanto, as novas tecnologias e a internet causaram impacto também nas relações dos estados, levando ao surgimento da “nova” diplomacia pública, também chamada por alguns estudiosos do campo de “Diplomacia Pública 2.0”. Conforme analisado, o avanço das TICs despontou em novos discursos emergindo na internet, e cada vez mais os indivíduos e organizações (não-governamentais, do setor privado) têm acesso à informação e estabelecem comunicação com outras culturas. Uma das principais diferenças da nova diplomacia pública em relação à anterior seria o fato de que as ações que os atores internacionais oficiais procuram se adaptar a este novo ambiente e a envolver estes novos atores. Uma das principais mudanças apontadas

⁹¹ [...] public diplomacy is an international actor's attempt to manage the international environment through engagement with a foreign public

pelo professor Nicholas Cull seria o fato de que esta nova diplomacia pública que antes era exercida de forma unilateral (agentes governamentais e público alvo de determinado país) se transfere no ciberespaço para um diálogo que envolve as próprias populações dos países em questão. Desta forma, “a primeira tarefa da nova diplomacia pública seria caracterizada como uma ‘construção de relações’. As relações não precisam ser entre atores e a audiência estrangeira, mas podem ser entre duas audiências, estrangeiras uma em relação a outra, cuja comunicação o ator deseja facilitar” (CULL, 2009 p.13)⁹². Esta idéia se aproxima dos argumentos de Castells apresentados no capítulo anterior, quando o sociólogo analisa a questão do poder dos estados sob a ótica das relações, estabelecidas através da comunicação.

Uma das principais críticas aos movimentos que, assim como *Israel loves Iran*, surgiram e cresceram no espaço virtual, é justamente o fato de que as mudanças ocorridas na rede têm pouca ou nenhuma influência nas discussões que acontecem fora dela. Desta forma, ainda que os criadores da *Israel loves Iran* e os mais de cem mil integrantes desta comunidade afirmem diariamente sua posição anti-belicista e pró-diálogo entre israelenses e iranianos, estes discursos não causaram alterações no tom agressivo que continua sendo defendido tanto por Netanyahu quanto por Ahmadinejad. Um dos principais críticos à análise utópica do ativismo *online* é o escritor e pesquisador russo Evgeny Morozov. Em artigo publicado na página eletrônica do jornal inglês *The Guardian* em 07 de março de 2011, ele afirma que o problema das análises dos movimentos que acontecem no *Facebook* ou no *Twitter* reside no fato de que estas redes são apenas ferramentas e que “as mudanças sociais continuam envolvendo muitos esforços penosos e de longo prazo para engajar com instituições e movimentos de reforma” (MOROZOV, 2011)⁹³. Outro ponto levantado pelo pesquisador é o fato de que a análise de movimentos revolucionários no Oriente Médio, a exemplo da Primavera Árabe ou do *Israel loves Iran*, dá extrema importância às ferramentas como *Facebook* e *Twitter*, o que implica num deslocamento do poder das ações no Oriente para as potências ocidentais. Morozov afirma que a ênfase no poder libertador destas ferramentas subestima o papel das ações humanas e faz com que “americanos se sintam orgulhosos de sua própria contribuição em eventos do Oriente Médio” (Ib)⁹⁴.

⁹² [...] in this model the old emphasis on top down messaging is eclipsed and the prime task of the new public diplomacy is characterized as ‘relationship building.’ The relationships need not be between the actor and a foreign audience but could usefully be between two audiences, foreign to each other, whose communication the actor wishes to facilitate.

⁹³ [...] these digital tools are simply, well, tools, and social change continues to involve many painstaking, longer-term efforts to engage with political institutions and reform movements.

⁹⁴ Americans feel proud of their own contribution to events in the Middle East.

Se por um lado os movimentos de contra-poder ou revolução que se dão no ciberespaço podem ser vistos com certo ceticismo quando se analisa os reais impactos que têm para além do mundo virtual, os grandes veículos de comunicação desempenham cada vez mais um papel fundamental de “ponte” entre estes dois espaços. Quando um movimento como o *Israel loves Iran* ganha grande repercussão nas redes sociais, sendo compartilhado por cada vez mais internautas e ganhando milhares de seguidores, torna-se uma pauta que para estes grandes veículos. O jornalismo, na tentativa de se reinventar diante de um novo contexto em que a internet desponta como uma fonte inesgotável de pautas, está atento às ações que acontecem na rede. E quando uma delas se torna viral ou ganha grande repercussão, já não pode ser ignorada pelos veículos tradicionais.

Quando o *Israel loves Iran* ganhou força nas redes, imediatamente chamou atenção de veículos como *CNN*, *Haaretz*, *Al Jazeera* dentre outros veículos. À medida que Edry e sua página se tornavam conhecidos pelos internautas, mais veículos publicavam matérias e entrevistas sobre o *Israel loves Iran*. E na medida em que estas matérias eram publicadas por estes veículos de grande visibilidade e com credibilidade perante seu público leitor, as matérias acabavam despertando a curiosidade e divulgavam o movimento, contribuindo para o crescimento do mesmo. Foi a partir da repercussão da ação de Edry na mídia, por exemplo, que o iraniano Majid Nowrouzi tomou conhecimento da campanha. Também temeroso em relação a possível guerra envolvendo seu país, e surpreso com a mensagem positiva e amigável vinda da “outra” parte, Nowrouzi decidiu criar uma página em resposta, a *Iran loves Israel*, para que assim pudesse estabelecer um canal vindo do Irã, transmitindo de lá suas mensagens para os novos amigos israelenses.

O que se estabelece, desta forma, é uma troca entre a internet e suas pautas e os grandes veículos de comunicação que, ao tornarem um movimento notícia, dão respaldo e legitimidade em uma esfera que vai além do ciberespaço. Resultado desta repercussão pelos grandes veículos, Ronny Edry passou a receber convites para dar palestras em Israel, no evento TEDx, na cidade de Iaffo – palestra esta que foi vista por mais de um milhão de internautas no *Youtube* - e nos Estados Unidos, como convidado da Universidade de Principia, no estado americano de Illinois, onde recebeu o prêmio de “Visionário do ano”. Alguns dos membros mais entusiastas da comunidade do *Israel loves Iran* iniciaram, inclusive, um movimento de carta assinada para nomear Ronny Edry e Michal Tamir ao Prêmio Nobel da Paz.

4.3 Das redes para as ruas

Apesar de se tratar inicialmente de um movimento pela paz entre israelenses e iranianos, o *Israel loves Iran* em pouco tempo se posicionou como um espaço para pedir o fim da guerra entre diferentes nações. Em novembro de 2012, Israel e a região da Faixa de Gaza, controlada pelo grupo Hamas, iniciaram um período de conflito com foguetes sendo lançados por ambas as partes. Em meio às sirenes e à tensão, Edry usava o espaço no *Facebook* como um diário para relatar seu cotidiano em meio à violência e reforçar o pedido de paz, desta vez entre israelenses e palestinos. Com o conflito em pauta, a questão da tensão israel-palestina ganhou atenção na página, com um número de mensagens crescentes de apoio a Ronny e pedindo o fim da guerra.

A partir deste movimento, *Israel loves Iran* passou a ser direcionado como um espaço para pedir a paz onde quer que haja conflito, para além do Oriente Médio. Terremotos no Paquistão, repressão violenta aos manifestantes na Turquia ou ameaças de bombardeio proferidas pela Coreia do Norte contra os Estados Unidos. Todos os eventos que ameaçam a ordem pacífica dos estados nacionais ganham espaço e atenção na comunidade criada por Edry.

Quando pessoas de diferentes culturas, com diferentes visões de mundo, se encontram no espaço virtual e se reúnem em uma comunidade que pede o fim da guerra e tenta quebrar os preconceitos que podem levar à violência, é interessante pensar de que modo a internet pode ser uma ferramenta e espaço de fomento à tolerância e para pensar a coexistência entre as pessoas. O pensador alemão Junger Habermas argumenta que, quando se trata de um conflito de visões de mundo em que há uma não-aceitação de uma cultura por parte da outra, a solução para este impasse passaria, primeiro, por uma questão de quebra do preconceito, para depois se situar no âmbito da tolerância. Tal afirmação seria justificada pelo fato de que o ato de simplesmente tolerar o outro permitiria não implicaria numa superação dos preconceitos, mas sim na incorporação e aceitação dos mesmos. A forma apropriada de responder a estes impasses culturais seria, portanto, uma “crítica dos preconceitos e o combate à discriminação, em outras palavras, a luta por direitos iguais, e não ‘mais tolerância’” (HABERMAS, 2003 p.3)⁹⁵.

Da mesma forma, falar em coexistência entre culturas implica numa análise cuidadosa do termo. Uma das principais questões que podem ser levantadas ao se debater a coexistência

⁹⁵ The appropriate answer is a critique of prejudices and the combating of discrimination, in other words the fight for equal rights, and not “more tolerance”.

é o fato de que muitas vezes culturas diferentes possuem uma proximidade física (por exemplo, existindo dentro de uma mesma comunidade, ou território de um estado nacional), mas não interagem entre si. Ou, por vezes, as diferenças nos modos de ver e compreender o mundo que determinadas culturas trazem impedem que os indivíduos consigam compreender e aceitar o que lhes é diferente.

Ao trazer a idéia da coexistência para a análise das mobilizações no ciberespaço, uma das questões que vem à tona é a desconstrução de estigmas e preconceitos que pode vir a ocorrer com os múltiplos encontros que se dão no ciberespaço. Em relatório publicado em 2009, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) afirma que “num mundo cada vez mais globalizado, as identidades culturais provêm frequentemente de múltiplas fontes; a plasticidade crescente das identidades culturais é um reflexo da complexidade crescente da circulação mundializada de pessoas, bens e informação” (2009, p.7). A exemplo do que aconteceu com o *Israel loves Iran*, indivíduos podem encontrar mensagens na internet que desconstroem os discursos homogenizadores e que fomentam a distanciação entre culturas. A partir deste contato, podem também ter mais curiosidade sobre o outro, sobre suas visões e sobre sua cultura. Ainda segundo relatório da Unesco, “a diversidade cultural, tal como a identidade cultural, estriba-se na inovação, na criatividade e na receptividade a novas influências. Identidades nacionais, religiosas, culturais e múltiplas” (2009, p.6). Conforme as análises dos movimentos sociais na internet apontam para reuniões diante de uma causa sem que isto implique na perda ou abdicação de crenças e identidades individuais, o encontro das culturas que é facilitado também não apresenta uma ameaça à cultura - entendida aqui também como uma construção de cada um.

5 CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa sobre as mobilizações que se dão a partir de encontros na internet, possibilitada pelo uso crescente das tecnologias de informação e comunicação permite comprovar e até mesmo modificar hipóteses formuladas no início do trabalho. Mais importante, aumenta ainda mais o interesse no assunto à medida que surgem novas dúvidas, deixando assim a pesquisa ainda em aberto, para ser mais aprofundada em futuros trabalhos. Não se tratam, portanto, de conclusões, mas sim de aprendizados adquiridos ao longo destes meses de estudo. Aprendizados estes que instigam a busca contínua por entender e aprofundar estas questões relativas à mobilização social, sendo a internet um campo tão rico e ao mesmo tempo tão dinâmico, oferecendo a cada dia novos desafios e indagações.

O primeiro aprendizado que se pode ressaltar desta pesquisa é o fato de que as ações surgidas do encontro de indivíduos na rede não estão completamente desconectadas das mobilizações que acontecem fora do espaço virtual. A análise de casos como a Primavera Árabe e também após a leitura de críticas ao olhar utópico sobre o *ciberativismo* apontam que parte da importância das mobilizações *online* se dá também pelo fato de elas conseguirem transcender este espaço virtual e levar a organização e as ideias debatidas na rede para as ruas e praças.

Tendo em vista que a força dos movimentos está de alguma forma ligada à sua repercussão para além da rede, outro aspecto evidenciado nesta pesquisa é a importância que a grande imprensa tem em fazer esta ponte de espaços *on* e *offline*. Os principais veículos de comunicação, que já se estabeleceram como emissores com credibilidade diante de seu público (leitor, no caso dos jornais impressos; espectador, no caso dos telejornais) se tornam fundamentais ao dar visibilidade para os movimentos derivados do chamado *ciberativismo*. É a legitimidade que a grande imprensa já possui e a maior possibilidade de alcance – uma vez que o acesso à conexão ainda não é uma realidade para a maioria dos cidadãos em muitos países - que permite dar força, em termos de adesão e de crítica, aos movimentos organizados na internet.

As manifestações populares que aconteceram nas capitais do Brasil em junho de 2013, motivadas inicialmente pelo aumento das passagens nos transportes públicos, exemplificam este argumento. O que levou milhares de pessoas às ruas das cidades brasileiras foi resultado de uma mobilização que se articulou *online*, principalmente nas redes sociais, mas que ganhou repercussão e atenção quando as manifestações – e os confrontos com a polícia militar – ganharam destaque nos telejornais do país. Enquanto o movimento tornava-se pauta prioritária na grande imprensa, os debates sobre o movimento ganhavam força na internet,

onde circulavam opiniões, artigos, ideias, fotos e vídeos, seja de blogueiros e jornalistas conhecidos, ou de internautas “anônimos”. Assim, organiza-se a dinâmica de um ciclo que se auto-alimenta, mantendo o vínculo entre a grande imprensa e os meios alternativos de veiculação da informação.

O fator inédito do movimento estava ligado não à percepção de que movimentos grandiosos, que levam milhares de pessoas na rua, podem ser organizados e debatidos na rede. O ineditismo, no caso do Brasil, por exemplo, também reside no fato de que, pela primeira vez em uma década, os cidadãos estavam, de fato, nas ruas, demonstrando suas insatisfações e evidenciando a crise na representatividade política no país. É justamente esta articulação entre o *online* e o *offline* que dá força ao ativismo dos tempos atuais.

Se a internet se consolida cada vez mais como um espaço de encontro, de novos discursos, de novas organizações, então garantir que indivíduos tenham acesso a este espaço torna-se uma questão imperativa. A exclusão digital passa a ser um impedimento para os cidadãos participarem da dinâmica da democracia, uma vez que as críticas, opiniões e diferentes visões sobre os acontecimentos acontecem principalmente na web. O acesso à conexão, a garantia da liberdade de expressão despontaram durante a pesquisa como questões centrais que devem estar na pauta do governo, incluindo a sociedade civil, para assegurar que a internet seja um espaço plenamente livre para a circulação de ideias e para que todos possam ter acesso e saber navegar por ela.

Em relação ao uso da internet quando se trata da mediação e da transformação de conflitos, um aprendizado que se pode tirar é que a web não se apresenta tanto como uma nova ferramenta para a diplomacia. A questão que parece ter maior relevância neste sentido é o fato de que a emergência dos novos discursos, a quebra da ideia de “maioria silenciosa”, o rompimento com o medo são fatores determinantes para que a sociedade civil possa reestruturar certas ideias e visões que suportam a legitimação do poder através do uso da violência. O diálogo surgido da rede não substitui a diplomacia formal, nem os atores da mesma, mas serve de espaço para a quebra de estigmas, pré-conceitos, e reestruturação da própria ideia de identidade.

Esta vertente da rede pode ser melhor explorada por órgão supranacionais que lidam diariamente com a resolução de conflitos, como é o caso das Nações Unidas. Diversos relatórios da ONU apontam para as melhorias trazidas pela internet no sentido de aumentar a visibilidade para uma situação onde há conflitos, para pedir ajuda, doação e transmitir informações cada vez mais rápido. A dificuldade em encontrar documentos que tratem da internet como um espaço novo para o rompimento da violência cultural e para a construção de

um diálogo intercultural evidencia um campo que ainda pode ser explorado. Tratar a rede como uma atenção distinta, porém não distanciada da mídia, poderia ajudar no campo da diplomacia e das relações internacionais, e desponta como um potencial futuro na pesquisa.

Uma metáfora que parece ilustrar bem os encontros que se dão na rede é a da “mensagem na garrafa”. É possível pensar, ainda aludindo a esta interpretação, que a internet é como um mar, onde flutuam diversas garrafas que trazem em seu interior mensagens escritas por alguém. O emissor não sabe ao certo aonde ou por quem a mensagem será recebida – mas isto não quer dizer que ele não será ouvido. É justamente a possibilidade do contato entre indivíduos tão distantes, a possibilidade do encontro de pessoas, ideias e pensamentos neste espaço imenso que faz da internet um lugar tão propício para pensar o novo. E ainda há muito que explorar ao navegar por estas águas.

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H. A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciberultura *In: VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação*, 8., 2008, Natal. *Anais...* Natal, 2008. Tecnologias da Informação e Comunicação.
Disponível em www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0874-1.pdf . Acesso em: 17 abr. 2013
- AOURAGH, M. Social media, mediation and the Arab Revolutions. *TripleC*, v. 10, n. 2, 2012. <http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/416> Acesso em: 27 maio 2013
- BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas* 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, P. *A opinião pública não existe*. Comunicação feita em Noroit (Arras) em janeiro de 1972 e publicada em *Les Temps Modernes*, n. 318, jan. 1973. Disponível em [http://www.visionvox.com.br/biblioteca/a/A-Opini%C3%A3o-P%C3%BAblica-N%C3%A3o-Existe-Pierre-Bourdieu\).pdf](http://www.visionvox.com.br/biblioteca/a/A-Opini%C3%A3o-P%C3%BAblica-N%C3%A3o-Existe-Pierre-Bourdieu).pdf) . Acesso em: 15 jun. 2013.
- CASTELLS, M. *Communication, Power and Counter-power in the Network Society* 2007. Disponível em: <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35>. Acesso em: 02 jul. 2013.
- CASTELLS, M. *Comunicación y Poder*. Madrid: Alianza Editorial, 2009 667 p.
- COLEMAN, S. *New mediation and direct representation: reconceptualizing representation in the digital age*. *New media & Society*, v. 17, n. 2, p. 177-198, 2005. Disponível em: <http://nms.sagepub.com/content/7/2/177.full.pdf+html>. Acesso em: 04 jul. 2013.
- CULL, N.J. *Public diplomacy: lessons from the past*. Los Angeles: Figueroa Press 2009. Disponível em: <http://uscpublicdiplomacy.org/publications/perspectives/CPDPerspectivesLessons.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2013.
- GALTUNG, J. Conflict transformation by Peaceful Means (the Transcend Method). *United Nations*. 2000 Disponível em http://www.transcend.org/pctrcluj2004/TRANSCEND_manual.pdf Acesso em 08 jun 2013
- GALTUNG, J. *Peace Studies: a ten points primer*. 2005. Transcrição de discurso feito na Universidade de Nanjing em 4 de março. Disponível em <https://www.transcend.org/files/article536.html>. Acesso em: 03 jul 2013.
- GUIBERNAU, M. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997
- HABERMAS, J. The public sphere: an encyclopedia article (1964). *New German Critique*, n. 3, p. 49-55, Aug. 1974. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/487737?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102517201197> Acesso em 04 jul. 2013.

HABERMAS, J. *Intolerance and Discrimination*. New German Oxford University Press and New York University School of Law, I.CON, Vol.1, No 1, 2003

HANSEN, S.L.; BRAMSEN, I.; NIELSEN, I. *The power of networked communication in conflict transformation*. Master Thesis (Cultural Encounters) - Roskilde University, Dinamarca, 2012. Disponível em: <http://rudar.ruc.dk/handle/1800/9248%20> Acesso em: 14 abr. 2013.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005 530 p.

LEMONS, A. CIBERCULTURA: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003. Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf Acesso em: 17 abr. 2013

LEVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212p.

MOROZOV, E. Facebook and Twitter are just places revolutionaries go. *The Guardian*, 2011 Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/mar/07/facebook-twitter-revolutionaries-cyber-utopians> Acesso em: 13 maio 2013

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Relatório Mundial da UNESCO: investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf> Acesso em: 07 maio 2013

RITTER, D.; TRECHSEL, A. *Revolutionary Cells: on the role of texts, tweets, and status updates in nonviolent revolutions*. California, 2011. Disponível em: http://www.democracy.uci.edu/files/democracy/docs/conferences/2011/Ritter_Trechsel_Laguna_Beach_2011_final.pdf . Acesso em: 02 jun. 2013.